



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE MINAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO – DEARQ



Daniela Costa Santos

**PRAÇA LOUIS BRAILLE: PERSPECTIVAS PARA REABILITAÇÃO DA ANTIGA
PRAÇA DE ESPORTES SAUDADE**

Ouro Preto, MG

2019

Daniela Costa Santos

**PRAÇA LOUIS BRAILLE: PERSPECTIVAS PARA REABILITAÇÃO DA ANTIGA
PRAÇA DE ESPORTES SAUDADE**

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadores: Prof. Débora Andrade Gomes Moura (TCC2) e Prof. Luiz Eduardo Soares de Araújo (TCC1).

Ouro Preto, MG

2019

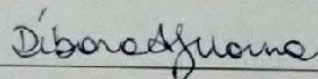
S237p	Santos, Daniela Costa. Praça Louis Braille [manuscrito]: perspectivas para reabilitação da antiga Praça de Esporte Saudade / Daniela Costa Santos. – 2019. 71f.: Orientadora: Prof^a. MSc^a. Débora Andrade Gomes Moura. Coorientador: Prof. MSc. Luiz Eduardo Soares de Araújo. Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Minas. Departamento Arquitetura e Urbanismo. 1. Espaço público. 2. Praça. 3. Reabilitação. I. Moura, Débora Andrade Gomes. II. Araújo, Luiz Eduardo Soares de. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título. CDU: 72:711.4
-------	--



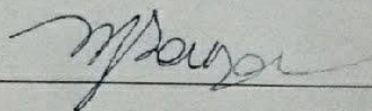
ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Em 10 de julho de 2019, reuniu-se a banca examinadora do trabalho apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso Arquitetura e Urbanismo da Escola de Minas da UFOP, intitulado: **PRAÇA LOUIS BRAILLE: Perspectivas Para Reabilitação Da Antiga Praça De Esportes Saudade**, do aluno(a) **DANIELA COSTA SANTOS**.

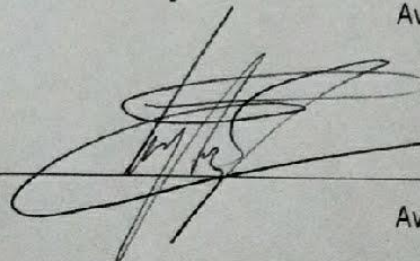
Compuseram a banca os professores(as) **DÉBORA ANDRADE GOMES MOURA, LUIZ EDUARDO ARAÚJO, MAURÍCIO LEONARD DE SOUZA**. Após a exposição oral, o(a) candidato(a) foi argüido(a) pelos componentes da banca que reuniram-se reservadamente, e decidiram, aprovado, com a nota 3,8.



Orientador(a)



Avaliador 1



Avaliador 2

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, aos meus queridos pais, irmãos, familiares e amigos que muito me ajudam, fazem bem e testemunham minha trajetória. Especialmente, agradeço aos amigos que encontrei em Ouro Preto, pelo incentivo, compreensão e companheirismo sempre constantes.

Por fim, agradeço aos professores Luiz Eduardo Araújo e a Débora Andrade Gomes Moura pelo auxílio e orientação no desenvolvimento deste trabalho, assim como a todos os professores, funcionários e colegas da Universidade Federal de Ouro Preto que me ajudaram no crescimento profissional e pessoal ao longo do curso.

RESUMO

O presente trabalho aborda o estudo do espaço público denominado praça, colaborando para a discussão da sua construção histórica e social, visando compreender sua importância na dinâmica urbana e seus desafios na contemporaneidade. Como plano de fundo sobre o debate do espaço público trataremos do caso particular da Praça Louis Braille, localizada em Belo Horizonte. Abordaremos a partir da revisão bibliográfica a conceituação do elemento praça, sua história e funções ao decorrer do tempo. A base bibliográfica servirá também para elucidar a história e transformações sociais, físicas e administrativas da Praça Louis Braille. A compreensão do objeto de estudo será feita também a partir do relatório fotográfico para identificar os tipos de usos e público abrigados pela praça, assim como identificar suas condições físicas, equipamentos e infraestrutura atual. A partir do diagnóstico do histórico, características sociais e físicas do espaço e entorno, conhecimento de políticas públicas voltadas para o equipamento público em estudo e análise de obras análogas foram definidas diretrizes projetuais para reabilitação da praça. Exercício projetual este que buscou discutir e apresentar soluções espaciais que contribuíssem para a ampliação do programa de atividades da praça, mantendo todo o programa já existente, mas agregando novas possibilidades de usos para atender a demanda de diferentes idades visando uma maior vitalidade do espaço. Além da ampliação do programa discutiu-se também estratégias para uma maior sensação de segurança da praça.

Palavras-chave: Espaço público. Praça. Reabilitação.

ABSTRACT

This work seeks to collaborate on the study about public square, through the discussion of its historical and social construction, aiming to understand its importance in the urban dynamics and its challenges in the contemporaneity. As a background on the public space debate we will consider the particular case of Louis Braille Square, located in Belo Horizonte. We will approach from the bibliographic review the conceptualization of the square element, its history and functions over time. The bibliographical basis will also serve to elucidate the history, social, physical and administrative transformations of Louis Braille Square. The understanding of the object of study will also be made from the photographic report to identify the types of uses and public sheltered by the square, as well as to identify its physical conditions, equipment and current infrastructure. From the diagnosis of history, social and physical characteristics of space and environment, knowledge of public policies focused on the public equipment under study and analysis of analogous works, design guidelines were defined for the rehabilitation of the square. This was a project exercise that sought to discuss and present spatial solutions that would contribute to the expansion of the program of activities of the square, maintaining all the existing program, but adding new possibilities of uses to meet the demand of different ages for a greater vitality of space. In addition to the expansion of the program, strategies for a greater sense of security in the square were also discussed.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. ESPAÇOS PÚBLICOS – PRAÇAS	11
2.1 BREVE HISTÓRICO E CONCEITOS	11
2.2 ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, CIDADANIA E DIREITO À CIDADE	15
2.3 PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO	19
3. PRAÇA LOUIS BRAILLE.....	21
3.1 BREVE HISTÓRICO DO BAIRRO SAUDADE.....	21
3.2 PRAÇA DE ESPORTES SAUDADE.....	26
3.2.1 <i>Os primeiros anos</i>	27
3.2.2 <i>Identidade, segurança e isolamento</i>	30
3.2.3 <i>Diretrizes e perspectivas futuras</i>	32
4. ANÁLISES SOBRE A PRAÇA.....	36
4.1 RELATÓRIO FOTOGRÁFICO.....	36
4.2 ANÁLISE DO ENTORNO	38
5. REFERENCIAS PROJETUAIS	39
5.1 PRAÇA FLORIANO PEIXOTO	39
5.2 PRAÇA VITOR CIVITA.....	42
5.3 PRAÇA BELMAR FIDALGO	47
6. DESNVOLVIMENTO PROJETUAL.....	51
7. CONSIDERAÇÕES.....	63
REFERÊNCIAS.....	645
ANEXO I - TERMO DE ENCAMINHAMENTO TFG1	66
ANEXO II – TERMO DE ENCAMINHAMENTO TFG2	67
APÊNDICE A – PROJETO DE REABILITAÇÃO PRAÇA LOUIS BRAILLE	68

1. INTRODUÇÃO

Na atual dinâmica das cidades, é frequente deparar-se com praças e espaços públicos aparentemente abandonados e degradados, tornando-se espaços que geram a sensação de insegurança devido a predominância de usos ligados ao consumo e distribuição de drogas, prostituição, mendicância até mesmo pela ausência de usos. O presente estudo visa colaborar para a discussão das temáticas de espaços públicos denominados praças e discutir também processos de transformação do espaço público que visem aumentar suas condições de atratividade e vitalidade. A ênfase do trabalho será a análise da Praça Louis Braille, localizada no bairro Saudade, região leste da cidade de Belo Horizonte. Também conhecida como Praça de Esportes da Saudade, a Praça Louis Braille é a praça com maior infraestrutura esportiva da região leste de Belo Horizonte, mas é atualmente considerada insegura pelos moradores locais.

Imagem 1 - Infográfico de localização da Praça Louis Braille.



Fonte: mapa base Google Maps adaptado por Daniela Costa Santos

Este trabalho justifica-se na importância/participação dos equipamentos públicos de esporte e lazer como lugares de efetivação dos direitos sociais que auxiliam na qualidade de vida da população, sobretudo daquelas em regiões de vulnerabilidade, através de práticas esportivas e culturais que promovam e acolham a socialização, a diversidade e a cidadania. Analisar os equipamentos públicos de esporte e lazer implica discutir diversas problemáticas envolvidas desde suas características arquitetônicas e urbanísticas até as políticas públicas que envolvem a gestão, manutenção, programação de atividades, divulgação, incentivo à utilização, a conservação e revitalização dos equipamentos.

Partindo da premissa que o potencial de apropriação de um dado equipamento público é influenciado pela qualidade arquitetônica e urbanística do

espaço, pela eficiência de sua gestão, assim como pelos valores neles reconhecidos por seus usuários; busca-se compreender como o projeto arquitetônico e urbanístico pode colaborar para a criação de espaços públicos mais atrativos e seguros.

Especificamente, a pesquisa buscará colaborar para a discussão sobre: as funções e valores da praça ao longo do tempo, compreender os atores e fatores da dinâmica urbana na construção que contribuem para vitalidade de espaços públicos. Levantar e analisar o histórico e contexto urbano da Praça Louis Braille, bem como seus sistemas de gestão passados e atuais; levantar as condições de uso da estrutura física existente e analisar a percepção da população local, observando os usos e atividades realizadas buscando identificar conflitos e potenciais. Propor diretrizes projetuais para alternativas de outras possibilidades de usos, elementos de permanência, acesso e integração do equipamento público em estudo com o entorno, expondo e discutindo projetos de referência e obras análogas.

A metodologia a ser adotada trilhará o caminho dedutivo e indutivo pois, consistirá na revisão de literatura de autores que trataram do tema em questão. Consistirá também da pesquisa e discussão do histórico da Praça Louis Braille e seu contexto político social e urbano. Outros suportes teóricos serão a pesquisa de campo com coleta de dados e registro fotográfico a partir da experiência de vivenciada no objeto em estudo, a análise qualitativa da estrutura física da Praça Louis Braille. Tendo como objetivo a elaboração de um projeto de requalificação do objeto de estudo, entende-se também como metodologia de pesquisa, a elaboração do projeto arquitetônico e urbanístico e a pesquisa e discussão de obras análogas e projetos de referência.

2. ESPAÇOS PÚBLICOS – PRAÇAS

Ao longo da história, a praça, espaço público democrático em sua essência, passa por transformações morfológicas e simbólicas intrinsicamente ligadas as transformações do tecido urbano devido ao processo de urbanização intimamente ligado as mudanças econômicas, culturais e sociais. Considerada como área livre de grande importância na formação das cidades desde a antiguidade clássica ocidental, LLorcal (1997), ao analisar a etimologia da palavra praça demonstra sua função atemporal enquanto espaço público que deve promover o convívio dos cidadãos.

As praças são as mãos de uma cidade. Elas representam lugar de encontro, ou promessa de encontrar. A palavra “praça” vem do grego platýs, pelo latim platea, e resume o sentido da ágora grega e do fórum romano: o espaço do público, da reunião. (LLORCA, 1997apud SORIANO, 2006).

2.1 Breve histórico e conceitos

Historicamente a denominação praça possui um sentido amplo, englobando diversas formas de espaços públicos livres de edificações e destinados ao convívio social. Sob essa ótica, a terminologia praça é empregada para se referir desde a ágora e fóruns romanos até as praças secas medievais, aos adros, largos e pátios do período colonial até os espaços multifuncionais da contemporaneidade. Conhecer os valores e funções atribuídos as praças ao longo do tempo torna-se condição para discutir os desafios atuais deste espaço que é reflexo das formas interações e forças que existem na sociedade.

A ágora grega, origem ocidental das praças, é reconhecida por seu papel como palco das decisões políticas, atividades sociais e religiosas da sociedade. O fórum romano por sua vez é relatado como espaço central e desordenado das relações comerciais que ganhou complexidade e monumentalidade ao abrigar em seu entorno edifícios com diversas funções como basílicas, mercados, templos e o teatro que conformavam o entorno do espaço aberto chamado de fórum.

Na idade média as praças também abrigavam uma grande complexidade de funções, no entanto, segundo Robba e Macedo (2010), as funções das praças medievais variavam conforme sua localização podendo ser divididas entre praças centrais, praças do portal da cidade, praças de mercado, adros de igrejas e praças

agrupadas. A formação de praças não apresentava planejamento, eram fruto do vazio urbano para circulação, manifestações religiosas, formação de espaços livre para trocas comerciais e comunicados legais.

Na perspectiva brasileira, Robba e Macedo, analisam que a morfologia dos núcleos coloniais urbanos do Brasil, século XV ao XVIII, é similar a das cidades medievais europeias devido a tradição urbanística de Portugal. Neste contexto as igrejas e capelas foram os embriões da formação urbana do período colonial, o adro, terreiro ou rossio formado em seu entorno abrigavam diversos estratos da sociedade e possuíam funções religiosas, comerciais, militares e sociais sobrepostas. Os espaços livres dos adros mantinham uma dependência recíproca das edificações do seu entorno formada por edificações das classes mais abastadas e instituições de poder constituindo-se como áreas nobres do núcleo urbano.

Ao do século XIX, período de transição do período colonial para a consolidação da República, observa-se a função e morfologia das praças brasileira. O período é marcado por grande influência cultural das potências econômicas da época, França e Inglaterra. A exemplo das cidades europeias que buscavam a modernização, salubridade e embelezamento das cidades, as cidades brasileiras enxergavam na modernização o rompimento com seu passado colonial. Grandes reformas urbanas, pautadas pela política sanitária, realizaram o alargamento das vias, criação de infraestruturas sanitárias, novos bairros e praças. Tais medidas culminaram na expulsão das classes menos favorecidas das áreas centrais da cidade em nome da modernização.

A partir das novas concepções do século XIX surgem as praças ajardinadas, o cenário contemplativo perde a pluralidade do período colonial e incorpora regras de condutas e a hierarquia social da elite brasileira que se inspira nos valores Europeus. As praças ajardinadas tornam-se símbolo da modernidade urbana, nas localizações mais “nobres” da cidade as praças passaram a ser projetadas recebendo tratamento paisagístico. Do século XVIII até as primeiras décadas do século XX, os projetos arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos sofreram influência de vários estilos. Segundo Robba e Macedo, o Ecletismo foi a denominação da corrente de projetos voltada e ajardinamento dos espaços públicos sob influência francesa e inglesa.

O século XX é marcado pela crescente industrialização, o desenvolvimento da eletricidade, do automóvel, e entre outras mudanças socioeconômicas que culminam no intenso processo de urbanização. O crescimento e adensamento das cidades é marcado pelo aumento de valor da terra e consequente diminuição de áreas livres na malha urbana, áreas livres informais como os campos de várzea passam a dar lugar a empreendimentos imobiliários. A segunda metade do século XX, apresenta-nos a reformulação das concepções paisagísticas do espaço público a partir dos preceitos modernistas que possuíam como característica a busca pela funcionalidade dos espaços e racionalidade da forma e matérias. Isto se refletiu através dos projetos arquitetônicos, urbanos e paisagísticos que apresentavam formas menos rígidas e programas mais flexíveis incluindo o esporte e a recreação infantil nas praças como opções do que eles chamaram de lazer ativo. A contribuição modernista se sobrepôs ao programa paisagístico do ecletismo aliando contemplação e cenário ao crescimento da demanda de espaços de lazer voltados a cultura e esportes.

A praça moderna não se resumia mais as aleias, alamedas e caminhos para o passeio das damas e cavalheiros, mas estava baseada na estruturação formal e funcional do espaço. Estares interligados e tridimensionalmente estruturados por elementos vegetais foram criados para conduzir e abrigar o usuário, em substituição aos tradicionais eixos. Os espaços na praça moderna foram idealizados para a permanência e não para o simples caminhar dos transeuntes. (ROBBA e MACEDO, 2010, pág. 38).

Apesar de considerar a experiência e permanência dos usuários no espaço público as ideias modernistas são criticadas por autores como Jane Jacobs (2000) e David Harvey (1996) devido a separação de importantes funções da cidade. Para os modernistas o morar, trabalhar e o lazer deveriam habitar áreas distintas do meio urbano. Tal separação, juntamente com a excessiva valorização do automóvel, a globalização e mercantilização das cidades, em alguns casos, acarretou na criação de espaços urbanos com ausência da valorização da escala humana, ausência da identidade local, problemas de mobilidade e intensificação da segregação sócio espacial.

Jacobs defendia a necessidade do planejamento urbano voltado para humanização das cidades argumentando à favor da valorização da escala humana, priorizando o pedestre, abordando que a interação, a visibilidade o fluxo de pessoas

no espaço público colaboram para a sensação de segurança baseada na sua teoria “olhos da rua”. Para Jacobs os espaços públicos por si só não impactam de forma positiva na vida das pessoas, os espaços precisam de pessoas mais do que de infraestrutura para impactar a qualidade de vida de uma comunidade.

Espera-se muito dos parques urbanos e praças. Longe de transformar qualquer virtude inerente ao entorno, longe de promover as vizinhanças automaticamente, os próprios parques de bairro é que são direta e drasticamente afetados pela maneira como a vizinhança neles interfere. (JACOBS, 2000, p. 104)

A transição do final do século XX para o XXI apresenta expressivas transformações tecnológicas e socioeconômicas. Na visão do geógrafo David Harvey tais mudanças provocaram a “compressão espaço-tempo”, na qual a aparente ausência de barreiras físicas produz mudanças que acentuam a volatilidade e a efemeridade de valores, serviços, espaços e capital. Conforme Harvey, a produção capitalista do espaço altera valores individuais e processos sociais tornando as cidades e seus espaços produtos. A mercantilização das cidades intensifica a segregação sócio espacial e tem como agravante a ação do estado pautada pelos interesses financeiros que priorizam os interesses particulares comerciais em detrimento de uma produção do espaço que vise o direito a cidade.

Para Ghirardo (2002:45-46), enquanto “o espaço público, nos séculos XIX e XX tem sido definido de forma otimista como o espaço do coletivo, compreendido não como pertencente a um indivíduo, uma classe ou uma corporação, mas ao povo como um todo”, o final do século XX se caracteriza pela “interpretação do espaço público de duas formas afins: como espaços a serem segregados de maneiras muitíssimo específicas, a serem monitorados e controlados”. (SORIANO, 2006, pag.57)

Ainda segundo Harvey (2012), na contramão da globalização e mercantilização do espaço, a transição para o século XXI é marcada pelo crescimento de correntes e movimentos sociais que visam pensar o espaço sob perspectivas coletivas de justiça social e equidade, tal qual o movimento da reforma urbana e movimentos pela sustentabilidade econômica. Se por um lado SORIANO (2006) nos aponta o crescimento do fenômeno da “produção artificial de espaços públicos” tais quais os shoppings centers, espaços privados que através do foco comercial atraem pessoas para o convívio social, por outro é crescente também os movimentos sociais que buscam legitimar e usufruir o direito a cidade apropriando-se dos espaços públicos

como praças, lutando contra a gentrificação e buscando alternativas de moradias em áreas com infraestrutura que não cumprem o papel social da propriedade.

Através da análise histórica da praça no decorrer do tempo, a concepção de praça elaborada por Milton Santos (1996) mostra-se relevante e atemporal. Segundo Santos a praça para além de um espaço físico é um conjunto indissociável entre um sistema de objetos e um sistema de ações, enquanto espaço, importa qualificá-la a partir da natureza dos eventos nela estabelecidos, tanto ou mais que pelo sistema de objetos. De acordo com o autor o que define a praça é o que nela se realiza.

Sob esta perspectiva os desafios da praça contemporânea não se encontram na sua arquitetura e design, passam antes pela percepção e organização da população em prol efetivarem seus sonhos e direitos, fazendo se presentes no espaço público e fiscalizando sua gestão. No entanto cabe ressaltar que os processos de transformação e ressignificação que para além de embelezar o espaço físico da praça conjugam políticas públicas para a realização de atividades na praça tem se mostrado de grande efetividade. Nos capítulos que se sucedem analisaremos os sistemas de objetos e sistema de ações contidos na Praça Louis Braille, espaço público de um bairro não central na cidade de Belo Horizonte, e obras análogas.

2.2 Administração pública, cidadania e direito à cidade

O planejamento e gestão dos equipamentos públicos são de responsabilidade do Estado. Este enquanto agente regulador da atividade econômica exerce a função de fiscalização, incentivo e planejamento estabelecidas em lei. A Constituição define que a ação do estado é determinante para o setor público e indicativo para o setor privado (art. 174 Constituição Federal), tal concepção estende-se a todas as vertentes do direito incluído o direito urbanístico.

Para compreender as possibilidades, potencialidades e desafios que envolvem o planejamento e gestão pública de um espaço público é necessário conhecer a política urbana brasileira. No Brasil a introdução de um capítulo específico de Política Urbana foi realizada na Constituição Federal de 1988 (Capítulo II, Título VII), a temática visa o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade. A

Constituição de 88 estabelece também descentralizada política de modo que todos os entes federativos participam do planejamento e da gestão administrativa, sendo estabelecidas matérias de competência próprias de cada ente.

A regulamentação do capítulo da Política Urbana só foi efetivada em 2001, com a criação do Estatuto das Cidades, Lei 10.257/2001, que estabelece diretrizes gerais, instrumentos de política urbana e disposições sobre gestão democrática. A partir do Estatuto das Cidades os Municípios passam a ter o papel de executor da Política de Desenvolvimento Urbano, sendo um dos principais instrumentos criados o Plano Diretor, obrigatório para as cidades com mais de 20 mil habitantes.

O Plano Diretor e demais instrumentos urbanísticos criados estabelecem que a gestão da cidade deve levar em consideração as influências do mercado, mas manter o planejamento fundamentado nos princípios da igualdade e equidade, garantindo o direito a cidade de todos. Gestão refere-se a modos e ações da administração realizadas no tempo presente, visando atuar nas necessidades imediatas. Planejamento refere-se ao tempo futuro, estabelecer diretrizes e ações pensando nos seus desdobramento e processo. A interação entre gestão e planejamento é constante e complexa, exigindo dos municípios alinhamento destes para a adequada utilização dos recursos públicos.

A administração dos espaços públicos pode ser realizada por diferentes órgãos e entidades do aparelho administrativo do poder Municipal como secretarias, departamentos, serviços, autarquias, fundações e empresas estatais. A configuração do aparelho administrativo do poder executivo municipal é diversa e se orienta segundo as especificidades locais e o plano de governo do prefeito vigente. Os órgãos e entidades ao administrarem o espaço público podem estabelecer dois tipos de gestão divididas em direta e indireta. Na gestão são os próprios órgãos ou entidades que gerem os espaços públicos, já gestão indireta a gestão é realizada por organizações privadas. Os modelos indiretos de gestão, por intermédio de processo licitatório, podem ser viabilizados através de três tipos instrumentos contratuais contrato de gestão, convênio e termo de parceria. Independente do modelo de gestão ser direto ou indireto a participação popular faz-se necessária.

O Programa de Gestão Pública e Cidadania (2008), coordenado pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo aponta que para impactar positivamente a vida dos cidadãos planejamento e implementação dos projetos, programas, atividades e públicos devem apresentar atributos como: viabilidade técnica, social, política, ecológica, gerencial, econômica e financeira; articulação entre os diferentes setores sociais e os governos de nível iguais e diferentes; enfoque sistêmico de atuação; consolidação e ampliação do diálogo com a sociedade civil; e *accountability* – clareza e transparência na prestação de contas.

O exercício da cidadania é complexo, ele é constituído desde a escolha dos representantes políticos até a fiscalização e o controle popular das políticas e gastos públicos. Diante tal complexidade instrumentos de política urbana como o orçamento participativo, que tem como base o envolvimento direto da comunidade na adoção das prioridades e na destinação das verbas municipais; são essenciais para uma gestão mais democrática dos recursos públicos visando a efetivação do direito a cidade.

As discussões sobre a gestão do espaço público permeiam o confronto entre direitos e cidadania que este espaço representa. Os movimentos de reforma urbana presentes no final do século XX trouxeram à tona a máxima do direito à cidade, direto este que segundo Harvey é, antes coletivo que individual, um dos mais negligenciados dos direitos humanos. Em resposta em como melhor exercer o direito a cidade, o autor argumenta que não há uma resposta simples, a solução é coletiva e passa por transformar em profundidade a vida cidadina reimaginando a cidade.

É preciso fortalecer os movimentos urbanos, recuperar o poder de modelar a existência cidadina, ter como fazer planos e estabelecer metas de longo prazo, diminuir distâncias e desequilíbrios sociais, qualificar de fato os serviços públicos, reduzir o acúmulo de privilégios, frear a febre consumista, investir pesado em capital humano, reconfigurar a classe média tradicional, incentivar o funcionamento de focos múltiplos de cultura, aprofundar a heterogeneidade e a aceitação das diferenças, incrementar práticas e condutas ecologicamente saudáveis, reestruturar nossas relações com as águas urbanas, incentivar a dimensão comunitária da organização e da vida cidadinas, reconstruir a base ética da sociedade – como reclamam, com ênfases variáveis, movimentos sociais espalhados por todo o planeta. E aqui, sem dúvida, tudo aponta para a auto-organização do social. (HARVEY, 2012 apud RISGIRO, 2017).

Para Ermínia Maricato (2002), a efetivação do direito a cidade no Brasil não acontece por falta de conhecimento técnico ou falta de legislação urbanística

adequada. A legislação urbanística brasileira, importante conquista social e legislação reconhecida mundialmente, de acordo com Maricato só funciona para alguns, as empresas do setor imobiliário. O estatuto das cidades representou ganhos de diretos sociais e possibilidades comerciais, porém apenas as relações com a iniciativa privada têm vingado. Na visão de Maricato apesar do Brasil possuir uma inovadora legislação urbanística há na sociedade de modo geral um alto grau de analfabetismo urbano – desconhecimento, dissimulação ou ocultamento da segregação sócio espacial e seus causadores.

Para erradicar o analfabetismo urbanístico seja na chamada sociedade civil, seja entre técnicos e administradores é preciso resgatar o tema do estreito círculo dos urbanistas e ampliar o vocabulário para além do hermético “urbanês”. É preciso evidenciar, para as camadas populares, as estratégias das classes sociais na produção e ocupação do espaço, ou seja, nada aí é natural ou fruto do acaso. Junto aos técnicos (especialmente junto aos economistas) e políticos é preciso evidenciar o alto custo que decorre da irracionalidade na ocupação predatória e extensiva do solo urbano. (MARICATO, 2002, pág. 4)

Segundo Elvira Barroso (2012) é impossível pensar a cidade sem destacar a importante influência que o capitalismo exerce na sua composição, afinal, somo todos, querendo ou não, parte desse sistema. Para a autora planejar a cidade só vai proporcionar melhor qualidade de vida para população se as ações públicas não formam realizadas em função unicamente do capital financeiro ou mercado imobiliário, como vem acontecendo. O mercado imobiliário mostra-se para vários urbanistas brasileiros como Barroso e Maricato como a fração capitalista de maior influência na produção e organização territorial das cidades, principalmente nos casos das metrópoles. Barroso argumenta que a dinâmica resultante se justifica ao menos em tese, pela própria necessidade do capital imobiliário gerar alternativas que assegurem a continuidade de seu processo de acumulação produtiva através da especulação.

Diante todos os agentes atuantes no espaço urbano Barroso defendem que Estado precisa de uma atuação totalmente proativa na função evitar polarização social que intensifica a desigualdade econômica e conseqüentemente a segregação espacial. Esta atuação proativa deve equilibrar os interesses sociais com os interesses do capital financeiro, proporcionando meios para a iniciativa privada lucrar na cidade, como se tem feito, mas, ao mesmo tempo, permitindo a distribuição de

renda, que pode ser feito através de equipamentos públicos financiados pelo próprio capital financeiro.

Os conceitos e argumentos aqui apresentados servem de base para a compreensão da complexidade de fatores e agentes presentes nas cidades e que influenciam diretamente nos espaços públicos. Conhecer a dinâmica urbana é essencial ao arquiteto e urbanista para a elaboração de projetos que quando necessário requalifiquem o espaço público trazendo novas conotações estéticas e simbólicas, de modo que a renovação e ressignificação propostas respeitem os significados já existentes para população local.

2.3 Processos de transformação do espaço

O campo da arquitetura e urbanismo definem diferentes terminologias para os processos de intervenção e transformações urbanas. Termos como revitalização, requalificação e reabilitação são amplamente empregados, e apesar de todos transformarem o espaço, apresentam características distintas entre si. O termo revitalização, surgido na década de 1960, segundo Schicchi (2005 apud PASQUOTTO 2010), implica a recuperação de áreas urbanas degradadas e preservação de patrimônios arquitetônicos e urbanos abandonados.

O termo requalificação sugere a proposição de uma nova função ao espaço. De acordo com Pasquotto, a requalificação assim como a revitalização pode servir de instrumento para a melhoria da qualidade de vida da população, promovendo medidas de dinamização social e econômica, através de melhorias urbanas, de acessibilidade ou centralidade para abrigar a nova função desejada. Ainda de acordo com a autora projetos ligados a terminologia revitalização e requalificação apesar de na teoria buscarem a manutenção dos valores históricos, da memória e da identidade já existentes no local, na prática foram empregadas em intervenções que acabaram por expulsar a população e usos locais existentes devido a seletividade de espaços de grande potencial econômico.

Segundo Geise Pasquotto (2010) um dos termos mais empregados no novo milênio é a reabilitação, possuindo seu significado ligado ao reestabelecimento de direitos, “a ação de recuperar a estima e a consideração”. Constitui um processo

integrado de ações que visam tornar a área atrativa e dinâmica, preocupando-se com a população já existente e a gestão da área.

Este termo se sobressai aos outros por ser o que mais pressupõe a preservação do ambiente construído e ocupado (MARICATO, 2001), porém sem carregar um significado associado a momentos diferentes da história do urbanismo como os termos antecessores e também por incluir uma ação de preservação da arquitetura comum (não apenas de interesse histórico) e conceber o patrimônio edificado em si como valor de recurso (SCHICHH, 2005). (PASQUOTTO, 2010, pág.147)

Os processos de transformação e ressignificação do espaço público são comumente praticados pelo mercado imobiliário como estratégia especulativa para aumento do valor de mercado de determinadas regiões. Tais processos, ao promoverem melhores condições de infraestrutura urbana elevam o custo da terra provocando a expulsão das populações locais visando gerar espaço para que grupos sociais de maior poder aquisitivo se instalem – é o chamado processo de gentrificação. O presente trabalho, ao estudar o caso da Praça Louis Braille visa uma proposição projetual de reabilitação da praça, que promova transformações que não visem a gentrificação, buscando compreender o contexto histórico e social deste equipamento público para potencializar seus valores e usos.

3. PRAÇA LOUIS BRAILLE

A contextualização do histórico do bairro Saudade abordará a criação de equipamentos públicos e instituições que promoveram e colaboram para o desenvolvimento e crescimento do bairro. Tendo em mente que os conceitos de Raquel Rolnik (2011) de que desenvolvimento e crescimento não são sinônimos, mas possuem relação. Ao abordar o termo desenvolvimento considera-se aspectos ligados à qualidade de vida da população como lazer, educação, saúde, mobilidade, infraestrutura de água, luz e esgoto. O termo crescimento, por sua vez, relaciona-se à questão econômica do processo como aspectos ligados a possibilidade de emprego e renda para a população residente, criação de empresas e circulação de capital dentro do bairro.

3.1 Breve histórico do bairro Saudade

A Praça Louis Braille, mais conhecida como Praça do Saudade, está situada no bairro Saudade, bairro da região leste de Belo Horizonte que é contíguo aos bairros Pompéia, Paraíso, Vera Cruz e Jonas Veiga. O município de Belo Horizonte foi fundado em 1897 e devido ao crescimento populacional, segundo a publicação História de Bairros, da Associação Cultural do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, a partir da década de 1920 iniciou o loteamento de áreas fora do perímetro delimitado pela Avenida do Contorno que dariam origem a região lestes e demais regiões da cidade.

A história da região leste é marcada por elementos como a linha férrea e a canalização de rios que foram importantes para criação de áreas planejadas onde surgiram os bairros Floresta, Santa Efigênia, Santa Tereza, Colégio Batista, São Lucas e Novo São Lucas. Em 1928 foi aprovado o loteamento das vilas Parque Vera Cruz, Edgard Werneck, Paraíso, Parque Cidade Jardim e Parque Cruzeiro do Sul, regiões até então rurais que abrigaram as vilas operárias de famílias excluídas do planejamento urbano e que deram origem aos bairros Horto, Instituto Agrônomo, Esplanada, Saudade, Vera Cruz, Paraíso e Pompéia.

A cidade não surgiu de uma só vez. A Belo Horizonte que conhecemos hoje tem muito pouco a ver com aquela que foi projetada e construída há mais de 110 anos. Pelo projeto original, Belo Horizonte possuía seções urbanas e suburbanas, como se pode ver através da Planta Geral da Cidade de Minas. Depois vieram as colônias agrícolas, outra forma de ocupar a cidade pensada pelo governo, que deveriam ficar nas seções suburbanas. A partir da

Parque Floresta Estadual da Baleia¹, administrado desde 1988 pelo Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais, o parque possui 102 hectares e localiza-se aos pés da Serra do Curral, fazendo divisa com o Parque Municipal das Mangabeiras.

O crescimento da ocupação urbana da região e a mudança de nome da Vila Cruzeiro do Sul têm como motivo a construção do Cemitério da Saudade, segundo cemitério mais antigo de Belo Horizonte inaugurado em 1942 pelo então prefeito Juscelino Kubitschek. O Cemitério da Saudade, cemitério público municipal, foi criado para atender a demanda da capital uma vez que o Cemitério do Bomfim, primeira necrópole da cidade, estava atingindo sua capacidade máxima. Diferentemente do cemitério do Bomfim o da Saudade foi idealizada com uma concepção até então pouco habitual aos campos santos, com 202.115m² e capacidade de 23 mil túmulos, seu projeto abordava o conceito de cemitério parque que contava com arborização especial, flores, túmulos de aspetos monumentais e ausência de muros. Marques e Moreira em seu livro *Uma Praça Uma Saudade* relatam a história do Bairro Saudade através de documentos, registro fotográficos e relatos dos moradores fazendo um resgate histórico que expõe como se deu a urbanização do local a partir da chegada do Cemitério.

Até a construção do “campo santo” a região do Saudade era formada por um cinturão de fazendas e espaços verdes. A área que hoje é reservada aos mortos servia de pasto para a criação de gado e plantação de frutas, legumes e verduras. Tudo que podia produzir a gente produzia. No tempo do meu pai, a gente comprava o querosene e o sal, o resto era produzido aqui, lembra José Antônio Torres, morador do bairro desde 1928. (MARQUES e MOREIRA, 2003, p. 106)

Imagem 3 - Foto “Em 1941, pastagem vai dando lugar ao “campo santo”.



Fonte: *Uma Praça uma Saudade*, pág. 111.

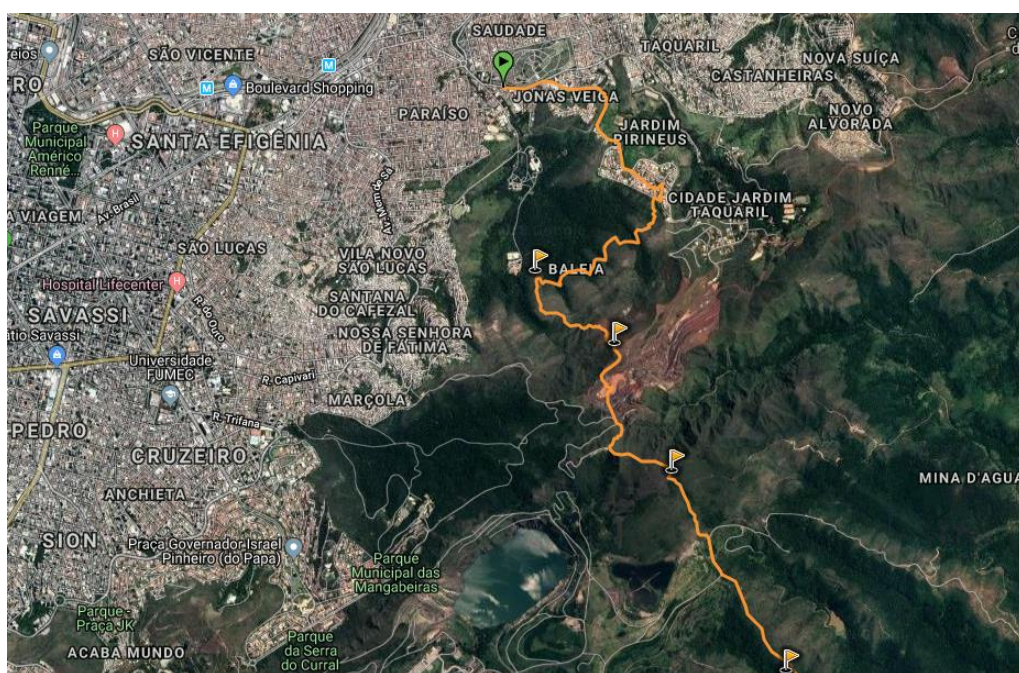
Foi também no início da década de 40, em 1944, que se deu a construção do Hospital da Baleia. Conveniado ao Sistema Único de Saúde (SUS) desde 1987, o Hospital da Baleia constitui um importante equipamento de saúde, ensino e pesquisa que atua de modo filantrópica e é um dos pilares de assistência pública de saúde de Minas Gerais. A rua Juramento, importante via de acesso ao bairro Saudade, ao Hospital da Baleia e Cemitério da Saudade, até meados do século XX, era também uma importante via de acesso que ligava o município de Belo Horizonte a Sabará, Nova Lima e ao Rio de Janeiro. Conhecida atualmente como “estrada velha de Nova Lima”, a estrada estadual, possuía seu posto de pesagem e controle de mercadorias no entroncamento da rua Juramento com a rua Taquaril próximo de onde futuramente seria construída a Praça de Esportes do Saudade.

A estrada velha era uma via de escoamento de minério e era por onde chegava todo o combustível proveniente do Estado da Guanabara, atual Rio de Janeiro, para abastecer a capital mineira. No entanto, com a construção da MG-030, durante o governo de Juscelino Kubitschek, a estrada velha foi sendo desativada e atualmente atrai adeptos de esportes alternativos como mountainbike, ciclistas e trilhas de ecoturismo. Apesar da progressiva desativação da estrada velha, na década de 50 foi criada a Mina do Corumi próxima de onde atualmente encontra-se o Bairro Jardim Taquaril. A mina funcionou até a década de 90, época em que a Serra do Curral foi tombada como patrimônio natural de Belo Horizonte e a exploração minerária da região foi proibida. Atualmente a mina passa por um processo de requalificação ambiental da área, mas em 2015 foi autuada pelo Ministério Público indícios de que continua a exercer a exploração mineral na área e vem se aproximando dos limites do Parque Estadual da Baleia.

Belo Horizonte atualmente possui muitos adeptos dos esportes radicais, a exemplo da trilha de trekking visível na imagem 4. No entanto, no passado a modalidade esportiva mais difundida e presente na vida da população era o futebol de várzea e posteriormente tornou-se futsal, em ambos eram comuns os torneios entre os times de associações de bairros. Em 1955 foi fundada a Associação Atlético Cruzeiro do Sul que mediante a reivindicação popular conseguiu junto a prefeitura a doação do terreno em frente ao Cemitério da Saudade. A formação das associações esportivas era essencial para a formação de lideranças locais e o convívio da

comunidade, o campo do Cruzeiro do Sul era utilizado por diferentes associações locais como a Associação Novo Horizonte, atual bairro Pompéia. Em 1969 para participar dos campeonatos da Confederação Mineira de Futebol a Associação Cruzeiro do Sul alterou seu nome para Associação Esportiva Saudade (AES), pois o bairro Calafate já possuía um time chamado Cruzeiro do Sul.

Imagem 4 - Imagem de satélite com destaque de trecho da trilha de trekking com ponto de partida a Praça da Saudade em Belo Horizonte até a Praça do Minério em Nova Lima



Fonte: <<https://pt.wikiloc.com/trilhas-trekking/bh-a-nova-lima-desviando-da-mineradora>>

A crescente urbanização da cidade culminou na retirada de diversos campos de várzea da capital mineira, juntamente com a remoção das favelas que geralmente se formavam próximas aos campos. Em 1974, no período de desapropriação do campo de várzea da AES, o prefeito de Belo Horizonte consultou informalmente a Associação Cristã de Moços (ACM), entidade internacional sem fins lucrativos, que atuava em regiões periféricas de Belo Horizonte com projetos voltados ao esporte e atividades comunitárias. A administração municipal em carácter pioneiro decidiu aproveitar o terreno do campo para a criação de um equipamento de lazer que não fosse apenas uma praça pública com jardins, mas sim um centro esportivo. Nascia assim, em 13 de março de 1975 a Praça de Esportes Saudade. No entanto devido à complexidade de um equipamento de esporte e lazer a prefeitura entendeu que a

administração pública e a comunidade não possuíam organização e experiência suficiente para a gestão do local.

No período de criação do centro esportivo a prefeitura até então não possuía uma secretaria municipal específica voltada somente as atividades esportivas, era a Secretaria Municipal de Cultura, Informação, Turismo e Esporte (SMCITE) que através de um conselho municipal gerenciava as atividades de esporte cultura e lazer. A criação da Praça de Esportes Saudade, traduzia a vontade da administração municipal de implementar atividades de lazer e esporte diversificadas, visto a predominância até então do futebol de várzea. Foi com esse intuito que a prefeitura de BH firmou parceria com a ACM para gerir a Praça de Esportes, tendo em vista que a ACM era uma organização mundialmente conhecida e que colaborou para criação e difusão dos fundamentos de diversas práticas esportivas e costumes como datas comemorativas que se tornaram habituais nos dias de hoje, tal qual os dias mães e dos pais.

3.2 Praça de Esportes Saudade

A Praça de Esportes Saudade, através da força comunitário, gestão pública e programas voltados ao esporte e lazer consolidou-se como importante espaço de convívio para a construção da identidade e autoestima da comunidade. Situada entre a Rua Juramento e a Rua Cametá (imagem 5), importantes vias de acesso, comércio e serviços da região, este equipamento vive nas boas lembranças dos primeiros moradores do bairro Saudade e apresenta potencial para que as atuais gerações também possam usufruir do espaço público. Para compreender as perspectivas futuras da praça, cabe fazer um resgate histórico da visão da população sobre o espaço e as transformações físicas e de gestão administrativa.

se construa o campo aqui (roldão) e construa a praça lá embaixo junto com as quadras; medimos tudo, tudo certinho. Levamos lá e não tivemos êxito. Eles fizeram do jeito que quiseram e nós perdemos o campo”. (MARQUES e MOREIRA, 2003, p.57)

O novo espaço de lazer da região possuía 7.500m², não contemplou o campo e trouxe consigo regras de utilização com as quais os moradores não estavam habituados. O descontentamento inicial da população refletia-se na depredação do local e foi determinante para que a administração da praça buscasse soluções de gerenciamento em conjunto com a comunidade local. A administração da praça, durante os nove primeiros anos de existência (1975 a 1984), foi exercida pela Associação Cristã de Moços em conjunto com o Centro Comunitário Praça de Esporte Saudade (CCPES) que anualmente elegia entre os moradores do bairro e usuários da praça um conselho diretor que participaria das discussões e decisões sobre o funcionamento do equipamento público. O conselho comunitário representou as benéficas e potencialidades do exercício democrático em pleno regime militar que cerceou os direitos individuais e as escolhas de representantes políticos de 1964 a 1985.

“Ao longo dos anos, o conselho diretor foi adquirindo força política junto à comunidade e ao poder público, tamanha a sua capacidade de organização e representação diversificada. Tinham o mesmo direito a voto domésticas, engenheiros, vereadores, comerciantes, estudantes, metalúrgicos.... Todo ano, os usuários da praça escolhiam seus representantes após a formalização das chapas.” (MARQUES e MOREIRA, 2003, pág. 21)

Inicialmente a praça era aberta, possuía 3 quadras sem alambrados, áreas ajardinadas e bancos. Logo no primeiro mês de funcionamento a ACM e o conselho comunitário cercaram a praça com alambrado e desenvolveram regras de utilização do espaço para resguardar o local, garantir a manutenção do espaço e a disponibilidade de materiais esportivos. Uma das medidas foi a criação de uma carteirinha de identificação do usuário para melhor manutenção dos equipamentos, controle dos frequentadores, devolução de materiais e aplicação de suspensão temporária caso alguma regra do local fosse infringida. As regras de funcionamento da praça passavam por votação do conselho e da comunidade, seu funcionamento gerava estranheza por se tratar de um equipamento público que de certa forma impunha condições de uso e acesso, mas o sucesso do modelo de gestão fez com

que a parceria da prefeitura de BH com a ACM se replicasse no convênio de administração de outros equipamentos da cidade como a feira do Padre Eustáquio.

Imagens 6 e 7 - Carteirinha da Praça de Esportes Saudade. Presença feminina na Praça da Saudade.



Fonte: Uma Praça uma Saudade, pág. 47 e 88.

A ACM contava com 12 funcionários além de monitores voluntários de basquete, vôlei, handball e futsal. As atividades desenvolvidas na praça tornaram-se referência, pois abrangiam festivais de artes, eventos comunitários e diversas modalidades esportivas atendendo e colaborando para a convivência de diferentes faixas etárias, gêneros e grupos sociais. Cabe ressaltar que a prática esportiva para as mulheres era restrita, o antigo campo da região era dedicado exclusivamente ao futebol, que era um considerado espaço exclusivamente masculino. A criação da praça e seus projetos com monitores de diferentes modalidades possibilitou que as mulheres iniciassem a prática esportiva de handball, vôlei e posteriormente de futsal e basquete, esportes tidos como masculinos. Além do público feminino a praça abrigava também atividades esportivas da Escola Estadual Júlia Lopes de Almeida, localizada a apenas um quarteirão da praça. As práticas da disciplina de educação física, monitorias e jogos livres conviveram em harmonia nos primeiros anos do equipamento esportivo.

Imagem 8 - 1º Jogos Infantis de Inverno do centro comunitário.



Fonte: Uma Praça uma Saudade, pág. 31.

O desempenho da administração da ACM em conjunto com a comunidade do Saudade viu-se comprometida a partir do momento em que a prefeitura não cumpria com sua função de fazer os repasses financeiros acordados pelo convênio. Nos últimos anos de administração da ACM a falta de recursos impossibilitava o pagamento dos funcionários, a compra de materiais e a manutenção do espaço, tal situação levou a ACM a se retirar da administração da Praça do Saudade.

3.2.2 Identidade, segurança e isolamento

Segundo a publicação Plano de Desenvolvimento do Bairro: uma metodologia participativa (2013), conforme a concepção do urbanista Kazuo Nakano, bairro é uma escala micro local –ou seja, território de vivência onde as pessoas moram e se relacionam, onde vivem o dia a dia, circulam, têm relações de vizinhança e convivem com problemas concretos que afetam o cotidiano. O bairro é uma entidade cultural e antropológica que se caracteriza pelo “sentimento de localidade” existente nos seus moradores. Sua formação não depende apenas da posição geográfica, mas sobretudo do intercâmbio entre famílias e as pessoas.

O período de administração da ACM foi marcado por um amplo programa de atividades que contribuíam para a socialização dos moradores do bairro Saudade e bairros do entorno, constituído a praça como uma forte centralidade da região. A saída da administração da ACM foi marcada pela mudança política do fim do regime militar, de 1979 a 1984, na qual Belo Horizonte teve 4 prefeitos diferentes. Antes de se retirar, já não recebendo os recursos necessários, a ACM fez denúncias do estado precário da praça devido à falta de verba para manutenção. Em 1984 já sob responsabilidade exclusiva da secretaria de esportes, a praça passou por sua primeira reforma. No início da década de 90 a praça sofreu sua alteração física mais drástica, a construção de um muro de concreto visando a segurança dos usuários tendo em vista o aumento da violência na região. Em 1999 foi instalado um posto da polícia militar e em 2012 uma das quadras poliesportivas recebeu uma cobertura metálica.

No livro *Uma praça uma saudade*, Marques e Moreira (2003), expõem através de relatos, fatos e fotos a importância da Praça Louis Braille na construção da identidade do Bairro Saudade e da comunidade local. Os registros revelam uma praça em que a população se fazia presente tanto fisicamente, participando das atividades e festividades, quanto politicamente, participando efetivamente da gestão administrativa do local. Ao longo do livro os autores abordam transformações administrativas, físicas e sociais que a acometeram a praça tornando-a o que é hoje, uma saudade para aqueles que desfrutavam do local até o início dos anos 90 e um vazio urbano murado na atualidade. Segundo Marques e Moreira o cercamento da praça pode ser compreendido como símbolo de perda da identidade local tornado o que acontece na praça e fora da praça invisível aos olhos dos moradores, transeuntes e usuários do espaço.

“... a mesma sensação de proteção pode gerar também isolamento, já que muitas vezes a praça não é percebida pelos próprios moradores ou por quem se utiliza das vias de acesso aos bairros vizinhos. Além de acobertar o uso de drogas já frequente na praça Louis Braille, o muro também estimula a descoberta sexual de crianças e adolescentes.” (MARQUES e MOREIRA, 2003, p.26)

A construção do muro reflete a arquitetura do medo, mais do que isso a cultura do medo, que na tentativa gerar a sensação de segurança, a sociedade de forma geral, seja na iniciativa pública ou privada busca por formas de controle e segurança nos através de barreiras físicas (muros e portarias), vigilância e tecnologia

(câmera e sensores). O muro revela ainda a falta de articulação da administração municipal ao não ouvir os anseios da população e os conselhos dos antigos administradores da praça no período de gestão da ACM, como relata o livro *Uma Praça Uma Saudade* na fala de Galeano.

“Na nossa opinião técnica não é positivo o muro que cerca a praça. Você não deve murar nada. Porque quem está por detrás do muro você não sabe quem é. Com a tela você vê as pessoas. E outra, você não conhece nenhuma loja que venda sem vitrine. A tela de arame é o que protege a bola, o animal, as crianças de saírem correndo para o meio da rua. Ela tem uma forma positiva de guarnecer. Mas ela é transparente. Ou seja, a grande vitrine é passar lá e ver a praça cheia de gente. Por que eu não estou lá? Então, estamos na contramão da publicidade quando muramos uma praça. As pessoas que iam lá – autoridades, vereadores, prefeitos e reitores de universidades – passavam a ter respeito pela praça, pela comunidade.” (MARQUES e MOREIRA, 2003, p.25)

Imagens 9 e 10 - Fotos comparativas do tipo de cercamento da Praça da Saudade. Até a década de 90 a praça foi cercada por alambrado e posteriormente por um muro de blocos de concreto.



Fonte: *Uma Praça uma Saudade*, pág. 25 e Google Maps Street View set.2018.

Sob diversos pontos de vista o muro se revela indesejável por promover, ao contrário do que se pretendia, a sensação de insegurança, isolando a praça do seu entorno. No decorrer deste trabalho através do exercício projetual investigar-se-á mais a fundo este elemento e as possibilidades alternativas que contemplem os anseios e necessidades da população.

3.2.3 Diretrizes e perspectivas futuras

“Vitalidade urbana refere-se à vida nas ruas, praças, passeios e demais espaços públicos abertos. Mais especificamente, dizemos que um lugar possui vitalidade quando há pessoas usando seus espaços: caminhando, indo e vindo de seus afazeres diários ou eventuais; interagindo, conversando,

encontrando-se; olhando a paisagem e as outras pessoas; divertindo-se das mais variadas maneiras e nos mais diversos locais; brincando, especialmente em parques e praças, mas também na rua ...” (SABOYA,2016, parte 1)

O levantamento fotográfico do estado atual da praça, realizado em outubro de 2018, juntamente com os fatos e registros do livro *uma Praça uma Saudade*, ilustram a atual falta de vitalidade da praça Louis Braille se comparada ao seu intenso uso no passado. A falta de vitalidade, falta de manutenção, pouca condição de visibilidade de interação com o entorno são alguns dos problemas identificados que geram um círculo vicioso no qual não se sabe se não há manutenção porque as pessoas não usam o espaço ou o contrário.

Até o presente momento, 2018, a praça apresenta-se toda murada, possuindo sua portaria de acesso na rua menos movimentada dentre as quais é cercada. Possui 2 pontos de ônibus e um posto da polícia militar que se encontram desativado. Seu horário de funcionamento é de 8 às 18 horas de terça-feira à domingo, mas de terça à sexta-feira a praça fecha de 12 às 13 horas para o almoço dos funcionários. Possui 4 quadras cercadas por alambrados, portaria, banheiros, academia da cidade, um coreto e espaços livres com árvores. A quadra maior apresenta cobertura de telhas metálicas, o restante das quadras não possui cobertura e uma delas é de areia. A administração do local é feita pela Secretaria Municipal de Esportes e Lazer (SMEL) desde 1993.

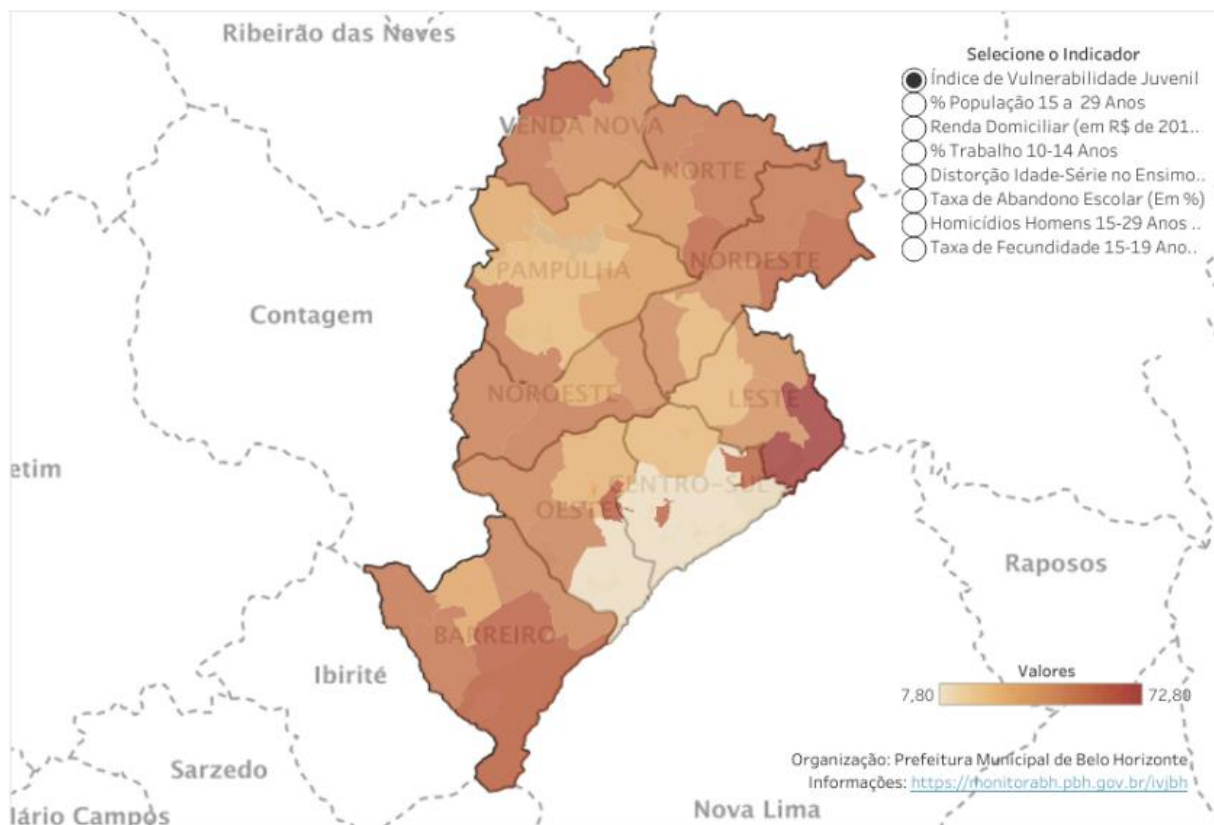
Em 19 de Setembro de 2018, a Prefeitura de Belo Horizonte, juntamente com a SMEL publicaram no Diário Oficial do Município o edital de chamamento de organizações da sociedade civil (OSC) para realizarem, a partir do recurso municipal de no valor de R\$ 580 mil, o projeto do Polo Regionalizado de Formação Esportiva que será sediado na Praça Louis Braille. Este projeto faz parte do Esporte Esperança, programa realizado pela Prefeitura de Belo Horizonte, por meio da SMEL, desde 2002.

O edital estabelece que OSC conveniada disporá de R\$ 190 mil para realizar adequações no local, com obras de reforma e revitalização, o restante dos recursos deve ser empregado em materiais esportivos e recursos humanos e demais demandas das atividades esportivas contempladas. O projeto do Polo Regionalizado de Formação Esportiva tem como público alvo crianças e adolescentes com idade entre 3 e 17 anos, e deve contemplar ao menos 4 tipos de atividades esportivas

listadas no edital. O programa Esporte Esperança realiza atividades, prioritariamente, nas regiões de maior vulnerabilidade social e tem como objetivo através do esporte colaborar para a melhoria da qualidade de vida da população, visando efetivar direitos sociais como o lazer e a cultura.

Conhecendo o histórico do bairro Saudade e da gestão da praça de esportes, é possível inferir que o edital busca retomar o modelo de gestão indireta dos primórdios do equipamento considerando que o potencial de utilização e revitalização do espaço só será alcançado mediante uma gestão que dialogue com a comunidade. O edital também se mostra como uma iniciativa ao enfrentamento da vulnerabilidade juvenil presente na região tendo em vista o potencial de projetos esportivos para a socialização de jovens, prevenção e combate ao uso de drogas. Na imagem 11 é possível observar o alto grau de vulnerabilidade juvenil presente na região Leste, sendo os bairros Taquaril, Vera Cruz e Granja de Freitas os que apresentam os maiores índices do município de Belo Horizonte.

Imagem 11 - Mapa do índice de vulnerabilidade juvenil de Belo Horizonte.



Fonte: <<https://monitorabh.pbh.gov.br/ivjbh>> Acesso em set. 2018

Os bairros que apresentam maior índice de vulnerabilidade juvenil são de modo geral regiões de ocupação urbana recente nas regiões periféricas de expansão do município. A ocupação dos bairros Taquaril, Vera Cruz e Granja de Freitas ocorreu no fim da década de 80, estes recentes bairros abrigam populações de baixo poder aquisitivo, que na maioria dos casos constroem suas casas sem seguir os parâmetros urbanísticos estabelecidos pelo plano diretor, e dispõe de pouca infraestrutura urbana, são bairros, tidos como favelas. Os levantamentos de dados feito pela prefeitura sobre a vulnerabilidade juvenil e demais indicadores sociais indicam a necessidade de atuação de políticas públicas não apenas no sentido de combater a vulnerabilidade juvenil através do esporte, mas também de políticas públicas amplas que enxerguem a proponham melhores condições de vida para a população da cidade “informal”, as favelas.

4. ANÁLISES SOBRE A PRAÇA

Para compreender o atual estado da praça, seus conjuntos de objetos e ações como conceitua Milton Santos, analisaremos a partir dos registros fotográficos sua estrutura física, condições de manutenção, relação com o entorno, fluxo de pessoas e usos dos espaços em diferentes dias da semana e horários.

4.1 Relatório fotográfico

O mapa chave abaixo indica através das setas vermelhas a posição aproximada de onde foram tiradas as fotos ou imagens de satélite. Nas imagens das fachadas da Praça Louis Braille demonstram como o muro que cerca constitui-se como obstáculo visual ao que acontece dentro do equipamento público. As imagens revelam ainda a presença de alguns poucos grafites próximo à entrada da praça, o estado de depredação da base militar desativada próximo ao ponto de ônibus presente na fachada da rua juramento e o isolamento do ponto de ônibus presente na fachada da rua Cameté.

Imagem 12 - Mapa chave 1: Fachadas da Praça Louis Braille



Fonte: Foto de satélite Google Maps, acessado e modificado por Daniela Costa Santos em Set. 2018

Imagem 13- Fachadas da Praça Louis Braille



1- Fachada da rua Praça Louis Baille



2- Fachada da rua Taquaril



3- Fachada da rua Cameté



4- Fachada da rua Juramento



5- Fachada da rua Praça Louis Baille

Fonte: Google Maps, Street View, acessado em Set. 2018.

Imagem 14 - Mapa chave 2: Estrutura da praça



Fonte: Foto de satélite Google Maps, acessado em Set. 2018 por Daniela Costa Santos.

A topografia da praça Louis Braille é escalonada, sendo dividida em cinco níveis principais com taludes entre estes níveis. O acesso de entrada da praça apresenta uma escada e uma rampa. A escada leva ao nível mais elevado onde se localiza uma estrutura que serve de portaria ou cantina, possui também um coreto, um espaço com rede de peteca e uma quadra de areia de 18 por 36 metros. A rampa dá acesso a dois níveis, ao nível onde se localizam equipamentos de ginástica corporal e ao nível onde ficam duas quadras poliesportivas uma coberta e uma descoberta, ambas de 15 por 25 metros. Entre as duas quadras poliesportivas há uma escada que leva a outra quadra poliesportiva também de 15 por 25 metros. Além da quadra o nível inferior possui um espaço livre com bancos.

A portaria, coreto e banheiros encontram-se em bons estados de conservação, a pintura das quadras está desgastada e a calha da quadra coberta está com problemas comprometendo o acesso devido a formação de lama na entrada da quadra. A vegetação local é composta de algumas árvores centenárias, nas fotos é possível notar a presença de lixo nas áreas verdes e a irregularidade da cobertura vegetal denotando a ausência de manutenção e tratamento paisagístico. No local há poucas lixeiras e não há placas instruindo os usuários ou sinalizando a localização dos equipamentos.

Imagem 15 - Fotos dos equipamentos e estrutura da Praça Louis Braille.



1- e) Entrada

1 - p) Portaria

2 - p) Portaria



3 - b) Banheiros e depósito de materiais



4- b) Banheiros e depósito de materiais



8 - q2) Quadra poliesportiva coberta



9 - q4) Quadra poliesportiva descoberta



5 - c) Coreto e espaço livre para rede de peteca



6 - q1) Quadra de areia

7 - a) Academia da cidade



10 - q3) Quadra poliesportiva coberta

Fonte: Fotos Daniela Costa Santos em Set. 2018.

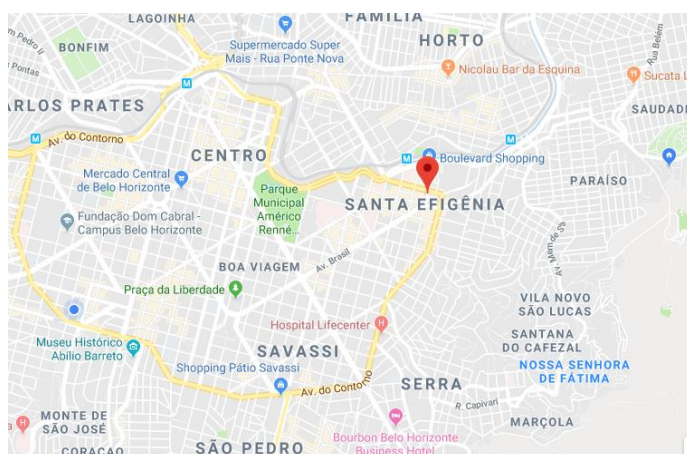
5. REFERENCIAS PROJETUAIS

A partir dos problemas e potencialidades identificados na análise da Praça Louis Braille busca-se tomar conhecimento e discutir o sistema de objetos e ações de espaços semelhantes que apresentem aspectos de referência para desenvolvimento projetual de proposições e diretrizes de requalificação deste espaço. Serão analisadas 3 praças: Praça Floriano Peixoto, Praça Victor Civita e Praça

5.1 Praça Floriano Peixoto

A escolha da praça Floriano Peixoto deve-se a proximidade com a Praça Louis Braille e por sua referência de vitalidade, ambas são praças da região Leste de Belo Horizonte, mas de bairros com perfis socioeconômicos distintos. Localizada no Bairro Santa Efigênia, na Região Leste de Belo Horizonte, a Praça Floriano Peixoto, é uma das mais populares e antigas praças da cidade. Seu nome de original, Praça Belo Horizonte, foi alterado em 1929 em homenagem ao segundo presidente da República Federativa do Brasil, o Marechal Floriano Peixoto. Próximo à praça encontra-se o edifício do 1º quartel militar da recém capital mineira, juntos, ambas construções de estilo eclético, formam um conjunto arquitetônico, paisagístico e histórico de grande valor, tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG) em 1984 e pelo município em 1994.

Imagem 18 e 19 - Localização Praça Floriano Peixoto e sua vista aérea.



Fonte: Google Maps e <<https://vejadecima.com/2016/12/18/praca-floriano-peixoto-belo-horizonte-mg/>> Acesso em Nov. 2018.>

A construção da praça conserva ainda seu paisagismo composto pela valorização dos jardins, característica marcante do estilo eclético. Robba e Macedo (2010) descrevem a estrutura da praça como composta por uma planta retangular dividida em três áreas diferenciadas pelos usos e tratamentos paisagísticos. A parte mais elevada, próxima ao quartel (imagens 20 e 21) é composta por dois grandes gramados em declive, separados por alameda e delimitados por árvores, palmeiras e pequenos arbustos. Separando esta área da parte inferior, existe uma via interna plana, revestida de piso de pneu reciclado, ladeada por bancos de madeira. Nesta área (imagens 22 e 23) se encontram brinquedos infantis, equipamentos para exercícios físicos e água potável. A terceira parte da praça (a maior) possui muitos espaços interligados por caminhos de pedra lajeada (imagens 24 e 25), pistas para caminhadas e muitos jardins, ricamente compostos. Nesta porção mais baixa, junto à av. contorno, temos elementos construídos como: vestiário, caramanchão e arquibancadas. Na parte central, desta terceira área, encontra-se uma escultura metálica.

Imagens 20 e 21 - Gramado e alamedas, Praça Floriano Peixoto.



Fonte: <<http://www.olharhistorico.com.br/praca-floriano-peixoto.php>>. Acesso em Nov. 2018.>

Imagens 22 e 23 – Elementos de ginástica e recreação infantil, Praça Floriano Peixoto.



Fonte: <<https://www.flickr.com/photos/portalpbh/>>. Acesso em Nov. 2018. >

Imagens 24 e 25 – Alamedas e jardins, Praça Floriano Peixoto



Fonte: <<http://www.olharhistorico.com.br/praca-floriano-peixoto.php>>. Acesso em Nov. 2018.>

A primeira mudança do sistema de administração e intervenção na praça ocorreu em 1996, a partir de uma parceria da prefeitura com a Petrobras. A partir de 2010, o local passou a ser adotado pela Unimed, e sofreu novas intervenções em função das condicionantes do licenciamento ambiental para a construção de um hospital em seu entorno. A praça mostra atualmente muita vitalidade e bom estado de conservação, sendo atualmente uma referência enquanto espaço para a prática de exercícios físicos, ações culturais e recreação com crianças. O reflexo desta vitalidade pode ser constatado pela Praça Floriano Peixoto ter sido considerada a mais bela e conservada da capital pelo Prêmio Cidade Jardim, por quatro anos consecutivos, 2011 a 2014, na categoria “praças acima de 5 mil metros quadrados.

A atual administração da Praça Floriano Peixoto, empresa Unimed-BH, executa ações de manutenção da infraestrutura da praça como manter uma equipe de jardineiros e auxiliares de limpeza e técnicos, responsáveis pelas áreas verdes, limpeza e reparos nos equipamentos e mobiliários. Além da manutenção a empresa colabora também na promoção de eventos, oficinais e aulas de yoga dentre outras atividades. Percebe-se que para além do aspecto estético da praça um dos principais fatores do bom estado de conservação e vitalidade do espaço devem-se apropriação da população entendendo este local como possibilidade de efetivar a qualidade de vida.

A presença de vias de tráfego intenso no entorno como a Avenida do Contorno e de mais ruas, apesar do que se espera, não afugentam os pedestres pois a praça apresenta passeio e alamedas internas com diferentes alternativas de trajetos,

todos seguros e aprazíveis devido a presença de sombra e ambiência da vegetação. Os equipamentos de recreação infantil e ginástica foram adequadamente posicionados para não interromperem os fluxos dos trajetos de pista de caminhada, sua localização central e longe das vias proporciona segurança aos usuários e proximidade com áreas gramadas conjugam flexibilidade no uso do gramado como espaço também recreativo para brincadeiras, piqueniques, dentre outras possibilidades. Na parte menos elevada e central da praça o espaço livre próximo ao pergolado possibilita um espaço para apresentações culturais e musicais ou aulas de atividades físicas como tai chi chuan ou yoga (imagens 26 e 27).

Imagens 26 e 27 – Teatro e aula de tai chi chuan na Praça Floriano Peixoto.



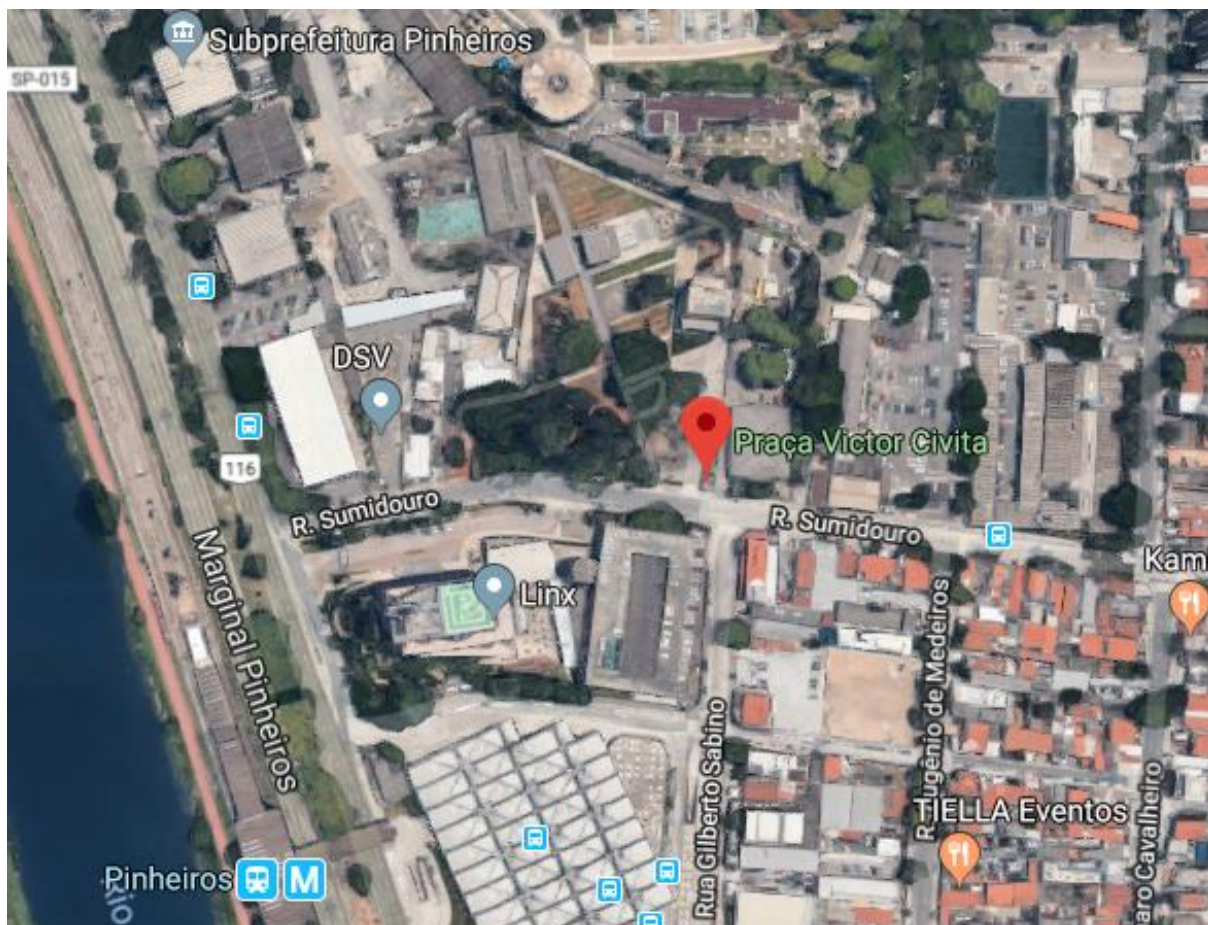
Fonte: < https://portal.unimedbh.com.br/adocao_de_espacos_publicos/acoes >. Acesso em nov. 2018.>

5.2 Praça Vitor Civita

A discussão do projeto da Praça Vitor Civita como obra análoga deve-se ao fato de que, assim como a Praça Louis Braille, ambos são espaços públicos cercados e com acesso limitado a certos horários do dia conforme a definição da administração local. No entanto a praça Vitor Civita é cercada por um gradil metálico que permite a visibilidade entre praça e entorno. Outra condição análoga refere-se que ambas as praças não estão associadas à centralidade de seus respectivos municípios. Quanto a administração do espaço atualmente os dois espaços são gerenciados pela prefeitura, mas num período passado já foram administradas pelo modelo de gestão indireta.

A Praça Victor Civita, localiza-se na Rua do Sumidouro, Bairro Pinheiros, São Paulo (imagem 28). Apesar da sua proximidade com a estação de metrô sua localização encontra-se numa rua fora das mais movimentadas rotas de pedestre e possui pouca visibilidade tendo em vista sua morfologia que se assemelha a de um lote comum. O local onde hoje situa-se a praça abrigou de 1949 e 1989 um incinerador de lixo, que foi desativado mediante o desenvolvimento do bairro. Após a desativação o local abrigou cooperativas de reciclagem, no entanto, devido ao antigo uso o solo foi profundamente contaminado tornando-se impróprio para a vida humana.

Imagem 28 – Localização Praça Victor Civita



Fonte: Google Maps acesso em nov. 2018.

Em 2006, empresas como o Banco Itaú, a Petrobras, a construtora Even e a Editora Abril, viabilizaram e custearam a reabilitação do espaço para a construção do atual equipamento público a partir da parceria público privada PPP com o Município de São Paulo. Segundo Mauro Calliari (2014), para a gestão da praça foi criada a

Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) Amigos da Praça Victor Civita, funcionando inicialmente com nove apoiadores: Gerdau, Abril, CCR, Grupo Petrópolis, Claro, Verdeescola, Itau, Levisky Arquitetos Associados e Sabesp. O Grupo da editora abriu, empresa fundada por Victor Civita (1907-1990) em 1950, e com sede vizinha ao terreno, foi uma das principais colaboradoras com a gestão do espaço até 2017.

Inaugurada em novembro de 2008 a praça representou um marco para a população local e tornou-se referência arquitetônica devido a sustentabilidade ser adotada com principal diretriz do projeto de revitalização. A praça é elevada do solo a partir de um deck de madeira suspenso por estruturas metálicas. O deck de madeira possui aparência de um casco de barco em alguns trechos, opção alternativa ao uso de guarda corpos, para evitar que os usuários tenham contato com o solo contaminado. Tal estrutura se estende na diagonal do terreno, e demarca os percursos a serem traçados pelos usuários, valorizando a perspectiva natural do espaço e diversificando as possibilidades de usos.

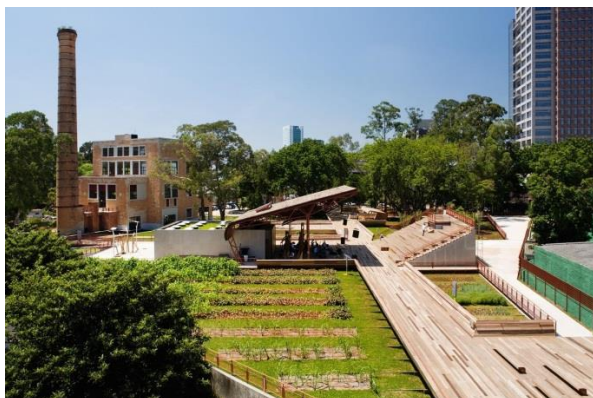
Imagem 29 – Vista superior da maquete eletrônica do projeto da Praça Victor Civita.



Fonte: < <http://www.arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/adriana-levisky-e-anna-julia-dietzsch-praca-victor-12-05-2009> > Acesso em Nov. 2018.

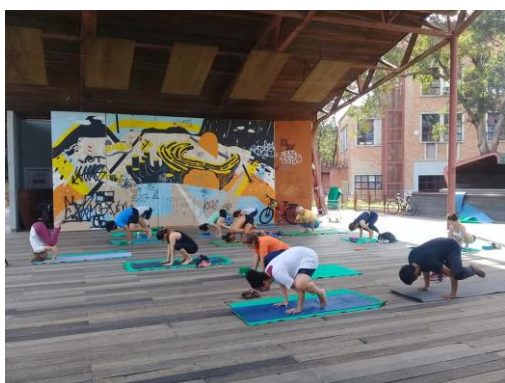
Os caminhos definidos pelo deck de madeira e pelo piso de concreto levam a diversos espaços como a arena coberta, ao Museu da Reabilitação instalado no edifício do Incinerador, ao Centro da Terceira Idade, à Oficina de Educação Ambiental, ao Núcleo de Investigação de Águas e Solos subterrâneos e à Praça de Paralelepípedos. O programa do projeto de revitalização da praça conta ainda com vasta área verde, através de árvores, horta circular e jardim suspenso. Como medidas de sustentabilidade adotou-se a iluminação com LED, pontos de coleta de reciclagem e o reaproveitamento de água da chuva para as plantas e, após tratamento, para limpeza e sanitários. Em 2010 o projeto da Praça Victor Civita ganhou o VII Grande Prêmio de Arquitetura Corporativa na categoria Obras Públicas Green.

Imagens 30 e 31 – Vista aérea Praça Victor Civita



Fonte: < <http://www.arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/adriana-levisky-e-anna-julia-dietzsch-praca-victor-12-05-2009> > Acesso em Nov. 2018.

Imagens 32 e 33 – Atividade física e cultural na Praça Victor Civita



Fonte: < <http://www.arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/adriana-levisky-e-anna-julia-dietzsch-praca-victor-12-05-2009> > Acesso em nov. 2018.

A noção de sustentabilidade além dos aspectos econômicos e ecológicos da praça englobaram também os aspectos sociais. O espaço da praça foi projetado para funcionar como catalisador de desenvolvimento comunitário, cultural e educacional, oferecendo acesso a diversos programas com a parceria de instituições como Verdescola, CETESB, GTZ e MASP. A praça possui cerca de 14.000m² e funciona diariamente de 6h30 às 19h, é toda cercada por um gradil metálico e possui apenas uma entrada. De acordo com reportagem da revista Veja SP, desde o início do ano de 2016, a empresa Abril e demais empresas deixaram de participar da gestão da Praça. O local voltou a ser mantido apenas pela subprefeitura de Pinheiros, ocasionando a redução do número de atividades, paralização da manutenção do site da praça e paralização do programa Verdescola. O museu da Sustentabilidade, o antigo prédio do incinerador, que abrigava exposições artísticas também se encontra desativado segundo MARQUES et al (2017).

A praça Victor Civita é uma referência projetual tendo em vista suas soluções arquitetônicas e paisagísticas como o gradil que protege, mas não impede a visibilidade do espaço, ambientes que proporcionam aos usuários espaços aprazíveis com percursos claros, mobiliário e usos de materiais com unidade visual, dentre outras características. No entanto além das soluções arquitetônicas os estudos sobre este espaço evidenciam novamente a importância do conjunto de ações para além do conjunto de objetos como estabelece SANTOS (1997).

Imagem 34 –Gradil metálico da fachada da Praça Victor Civita.



Fonte: < <http://www.arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/adriana-levisky-e-anna-julia-dietzsch-praca-victor-12-05-2009> > Acesso em nov. 2018.

5.3 Praça Belmar Fidalgo

A Praça Belmar Fidalgo, similar a Praça Louis Braille, abrigou desde sua origem a prática esportiva. Localizado no centro da cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, o local da praça abrigava o antigo Estádio Belmar Fidalgo. O terreno doado em 1930, pelo então prefeito de Campo Grande, tinha a finalidade de ser um espaço de práticas esportivas. Em 1933, foi construído a estrutura de estádio de futebol e em 1987 o espaço tornou-se uma praça esportiva. A praça possui duas quadras poliesportivas, arena para quadras de areia, pista de caminhada, banheiros com vestiário, ducha, campo de futebol suíço, playground infantil, área para ginástica, lanchonete, sede administrativa e diversas áreas verdes.

Imagem 35 – Vista aérea Praça Belmar Fidalgo



Fonte: <<http://blog.plaenge.com.br/13/04/2017/belmar-fidalgo-ao-alcance-dos-pes/>> Acesso em nov. 2018.

Reformada em 2018 pela parceria público privada do município de Campo Grande entre as empresas Plaenge e Sicred a praça abriga também as principais partidas dos campeonatos amadores de Campo Grande, além de torneios realizados entre as categorias fraldinha, mirim, pré-mirim e infantil. De acordo com o site da prefeitura de Campo grande em 2018 estão sendo oferecidas gratuitamente oficinas de diversas modalidades como funcional (imagem 36), dança, ginástica, capoeira, pilates (imagem 37), academia ar ao livre, alongamento, dentre outras.

Imagens 36 e 37 – Oficinas de atividades físicas, no período noturno na Praça Belmar Fidalgo.



Fonte: <<http://www.campogrande.ms.gov.br/funesp/artigos/praca-esportiva-belmar-fidalgo/>>. Acesso em nov. 2018.

As gestões das praças de esportes do município de Campo Grande são realizadas pela Fundação Municipal de Esporte (FUNESP), responsável por organizar os turnos de trabalho e a escala de pessoal para o atendimento à população. Os equipamentos públicos esportivos possuem seu horário de funcionamento entre 5h30 e 21 horas. No entanto devido a seu grande fluxo de pessoas e atividades a Praça Belmar Fidalgo abre às 4h30 e a população em reportagem aos jornais locais indica que gostaria que a praça fechasse às 22 horas, ao invés de 21 horas.

Imagens 38 e 39 – Vista aérea e visa da entrada da Praça Belmar Fidalgo cercada por gradil metálico



Fonte: <<http://www.campogrande.ms.gov.br/funesp/artigos/praca-esportiva-belmar-fidalgo/>>. Acesso em nov. 2018

Presumisse que a evidente vitalidade da Praça Belmar Fidalgo se deve a combinação da manutenção de um espaço aprazível com o conjunto de atividades realizadas em diversos horários e dias da semana. O horário de funcionamento atende

diversas faixas etárias e é propício também ao clima da região, tendo em vista que Campo grande é uma cidade de clima tropical com temperaturas acima de 29° no período entre 12h e 16h, torna-se mais viável e saudável o uso da praça na parte da manhã ou após às 16h como é possível observar na análise de horários de pico fornecido pelo Google (imagem 40).

Imagem 40 – Análise dos horários de pico da Praça Belmar Fidalgo.



Fonte: <<https://www.google.com.br/maps/place/Pra%C3%A7a+Esportiva+Belmar+Fidalgo/@-20.460188,-54.6091425,17z/>>. Acesso em nov. 2018

A satisfação dos usuários com a estrutura e gestão da praça são expressas na avaliação positiva da Praça Belmar Fidalgo no Site Google Maps. A praça possui nota de avaliação de 4,6 em uma escala que vai até 5, conforme dados coletados até novembro de 2018. As demais praças apresentadas neste trabalho possuem, também a partir dos dados coletados até novembro de 2018, as seguintes avaliações: Praça Louis Braille nota 3,4; Praça Floriano Peixoto nota 4,5; e Praça Victor Civita nota 4,0.

Fatores como horário de funcionamento e atividades a serem realizadas nas praças são discutidas entre prefeitura e comunidade. A prefeitura de Campo Grande, através do modelo de gestão participativa chamado Grupo Gestor, possibilita a população eleger anualmente 12 membros da comunidade para auxiliarem a administração municipal na gestão dos espaços públicos, participando de reuniões mensais com FUNESP. O sistema de Grupos Gestores, em Campo Grande, já foi implementado em diversos equipamentos públicos como a Praça Belmar Fidalgo, Parques Ayrton Senna e Tarsila do Amaral. Tendo em vista o sucesso do modelo a Prefeitura tem como meta implantar Grupos Gestores em todos os equipamentos de esporte e lazer da cidade.

Imagens 41 e 42 – Reunião do Grupo Gestor com a FUNESP e cerimônia de reinauguração da Praça Belmar Fidalgo em 2018.



Fonte: <<http://www.campogrande.ms.gov.br/funesp/artigos/praca-esportiva-belmar-fidalgo/>>. Acesso em nov. 2018

6. DESENVOLVIMENTO PROJETUAL

Diante das obras análogas apresentadas e de conceitos sobre a importância da permeabilidade visual no espaço público para uma maior sensação de segurança desenvolveu-se o estudo preliminar do projeto de reabilitação da praça Louis Braille, o qual as pranchas contendo as plantas e de mais desenhos técnicos e perspectivas 3D encontram-se no apêndice A deste trabalho. O projeto em questão e aqui a apresentado optou pela retirada dos muros nos pontos onde a visibilidade do pedestre e dos usuários da praça são desejáveis. No entanto, alguns trechos do muro já existente foram mantidos nos pontos onde a visibilidade, devido a topografia, não tem vistas interessantes do interior da praça. Muros estes que servem de painéis para manifestações artísticas de grafite de jovens artistas da região como ilustra a imagem 43.

Imagens 43 – Vista externa da Praça, sentido saindo da Rua Itaperuna e chegando na Rua Praça Louis Braille, ressalta-se a visibilidade do parquinho e quadras poliesportivas.



Fonte: Imagem do Projeto de Reabilitação da Praça Louis Braille, produzida pela autora, Daniela Costa Santos, em junho de 2019.

Devido à grande extensão da praça e quantidade de área verde existente, além do fato da população da região já conviver com seu fechamento a mais de uma década, optou-se por manter a praça fechada, mas entendendo que a organização que

administra este espaço deve se atentar a estabelecer horários de funcionamento adequados a demanda da população. Outra alteração significativa foi a mudança da entrada da praça para a rua onde também se Localiza o Cemitério da saudade, uma rua Plana, bem arborizada e que permite uma visibilidade interessante da infraestrutura da praça. O novo acesso proposto se dá por uma pequena rampa, diferente da entrada existente ao qual ao chegar depara-se logo com uma escada e uma rampa bastante extensa.

Imagens 44 – Vista externa da Praça pela Rua Praça Louis Braille tirada na calçada oposta, calçada do Cemitério da Saudade, ressalta-se a visibilidade do parquinho e quadras poliesportivas.



Fonte: Imagem do Projeto de Reabilitação da Praça Louis Braille, produzida pela autora, Daniela Costa Santos, em junho de 2019.

A nova entrada faz referência ao antigo fechamento de bloco de concreto, usando, porém, o bloco de concreto como cobogó para criar uma fachada colorida e convidativa, sendo alguns dos blocos pintados em seu interior. Além do aspecto estético da cor e sombra, o cobogó permite uma visão parcial, trazendo também a proposta de maior permeabilidade visual.

Para a manutenção e ampliação do programa de atividades da praça, que atualmente apresenta espaços em sua maioria voltado apenas a prática esportiva, o projeto de reabilitação propõe: a criação de um espaço voltado a recreação infantil, um “parquinho”, a alteração da localização e estrutura dos banheiros e espaços de

apoio para cantina, portaria e guarda de materiais assim como a modificação também do atual coreto e localização das quadras de petecas. Tais mudanças visam a sobreposição de novos usos e ampliação do público que a praça atende.

Imagens 44 – Vista da entrada Praça tirada da rampa de acesso visando a portaria e pátio conformado pelos novos blocos de banheiro, portaria e salas de apoio.



Imagens 45 – Vista interna do pátio do bloco de entrada visando a parede de espelho, a cantina e a quadra de areia e de basquete ao fundo.



Fonte: Imagens do Projeto de Reabilitação da Praça Louis Braille, produzida pela autora, Daniela Costa Santos, em junho de 2019.

A mudança da estrutura e localização dos banheiros visa a ampliação e adequação dos banheiros para atender os critérios de acessibilidade para portadores de necessidades especiais, além disso a ampliação da quantidade de banheiros visa a criação de dois vestiários de cada gênero, para que a praça possa sediar campeonatos esportivos e festividades, atendendo a um número maior de usuários durante grandes eventos. A nova estrutura dos banheiros, cantina, portaria e salas de apoio foi pensada de modo que uma os espaços entre os blocos de cada uma das atividades não criassem espaços residuais como a atual estrutura existente. Tais estruturas estão localizadas próximo a nova entrada e foram dispostas de forma a criar um pátio interno e corredores cobertos largos propiciando a existência de feiras, oficinas de arte e demais atividades em dias de chuva ou ensolarados. Em algumas paredes do pátio e corredores a colocação de espelhos visa auxiliar a existência de atividades em grupo para prática de exercícios físicos yoga ou dança, dentre outras, como ilustra a imagem 45.

Imagens 46 – Vista externa do bloco de entrada tirada próximo as quadras de peteca visando o pátio, a estrutura da esquerda abriga um dos conjuntos de vestiário, e a direita a estrutura abriga uma das salas de apoio.



Fonte: Imagem do Projeto de Reabilitação da Praça Louis Braille, produzida pela autora, Daniela Costa Santos, em junho de 2019.

As paredes internas e externas do bloco de entrada possuem grafites para contribuir para uma maior identidade visual trazendo cor, texturas e temáticas que tornam o espaço bastante aprazível, assim como as partes do muro externo de bloco de concreto que foram mantidas. A cobertura do bloco de entrada apresenta um telhado borboleta sustentado em seu interior por pilares de madeira laminada colada que além de exercerem seu papel estrutural agregam grande aconchego. Todos os pavimentos da praça apresentam mobiliário de permanência, assim como lixeiras e bebedouros. No pavimento de entrada os bebedouros estão localizados próximos a entrada dos banheiros, sendo o acesso aos banheiros voltados para a parte externa do bloco de entrada, ilustrado pela imagem 46.

Próximo a nova localização das quadras de peteca há uma escadaria tipo arquibancada voltada para o novo coreto também feito de cobogós de blocos de concreto coloridos situado onde se localiza a atual entrada da praça. A escadaria tipo arquibancada foi uma solução para ampliar a visão para o interior da praça possibilitando o pedestre visualizar se há atividades no pátio do bloco de entrada da praça e conformando uma espécie de pequeno anfiteatro em conjunto com o coreto.

Imagens 47 – Vista externa da praça, tirada da calçada visando o coreto, o bloco da nova entrada e a rampa já existente.



Fonte: Imagem do Projeto de Reabilitação da Praça Louis Braille, produzida pela autora, Daniela Costa Santos, em junho de 2019.

Imagens 48 – Vista da escadaria tipo arquibancada e coreto, ao fundo observa-se a quadra coberta.



Imagens 49 – Vista da área de permanência no nível dos equipamentos de ginástica e com acesso pela rampa já existente. Foto tirada no nível da quadra coberta mirando ao fundo o bloco de entrada.



Fonte: Imagens do Projeto de Reabilitação da Praça Louis Braille, produzida pela autora, Daniela Costa Santos, em junho de 2019.

A presente rampa de acesso da atual entrada da praça foi mantida. Mantendo o acesso ao nível da quadra de areia, ao nível dos equipamentos de ginástica da

academia da cidade e ao nível da quadra coberta, todos já existentes e inalterados pelo projeto. No nível dos equipamentos de ginástica foi proposto na área que tem vista para a quadra coberta um ambiente de estar com mobiliário de bancos, redes e mesas utilizados também em outros pavimentos do projeto.

Além da rampa já existente o acesso ao pavimento dos equipamentos de ginástica se dá também por escada. Foram mantidas a localização das escadas já existentes, no entanto visando criar uma alternativa mais lúdica de acesso aos demais pavimentos e em especial ao parquinho, foi proposto a instalação de escorregadores separados das escadas por um canteiro.

Imagens 50 – Vista da escada e escorregador, tirada do pavimento da quadra coberta visando o bloco de entrada da praça.



Fonte: Imagem do Projeto de Reabilitação da Praça Louis Braille, produzida pela autora, Daniela Costa Santos, em junho de 2019.

No pavimento e entrada da praça além do bloco com infraestrutura de apoio há também a quadra de areia e 2 quadras de peteca. Próximo a quadra de areia foi proposto a criação de estruturas tipo pergolado com redes, similares ao pórtico de madeira usado na entrada. Tal mobiliário em conjunto com bancos e mesas busca fornecer estar, relaxamento e abrigar os usuários que observam o jogo na quadra de areia. Além do mobiliário instalou-se uma ducha próxima à entrada da quadra de areia.

As estruturas, dimensões e localização das quadras poliesportivas foram mantidas foi proposto a penas a alteração do mobiliário de permanência em seu entorno.

Imagens 51 – Vista dos equipamentos de ginásticas, ao fundo se vê a ducha e a quadra de areia.



Imagens 52 – Vista das quadras poliesportivas coberta e descoberta



Fonte: Imagens do Projeto de Reabilitação da Praça Louis Braille, produzida pela autora, Daniela Costa Santos, em junho de 2019.

No pavimento que abriga duas das quadras poliesportivas, além das escadas optou-se como solução a utilização uma plataforma elevatória para conectar este pavimento aos demais pavimentos inferiores. A solução usada se deve a implantação do pavimento em questão ter pouco afastamento lateral e a topografia não apresentarem condições favoráveis a execução de uma rampa nas dimensões e inclinação adequadas segundo a norma NBR9050.

Imagens 53 – Vista da entrada da plataforma elevatória no nível da quadra coberta, visando a quadra do nível inferior.



Fonte: Imagem do Projeto de Reabilitação da Praça Louis Braille, produzida pela autora, Daniela Costa Santos, em junho de 2019.

Descendo a escada ou plataforma elevatória chegasse ao pavimento que abriga apenas uma quadra. Neste pavimento ampliou-se a área de estar no seu entorno para criar uma ambiência aconchegante e possibilitar a criação de uma rampa de acesso ao nível do parquinho que acompanhe a topografia natural do terreno e seja cerda por canteiros que mantenham uma boa visibilidade à quadra, dos pedestres que circulam pela rampa ou no entorno da praça.

Imagens 54 – Vista interna da quadra descoberta com acesso pela plataforma elevatória.



Imagens 55 – Vista da rampa de acesso ao parquinho, vendo ao fundo o parquinho e na lateral a quadra.



Fonte: Imagens do Projeto de Reabilitação da Praça Louis Braille, produzida pela autora, Daniela Costa Santos, em junho de 2019.

O pavimento onde localiza-se o parquinho não existe na atual configuração da praça, o ultimo nível da praça na situação atual foi ampliado e rebaixado para uma cota que gerasse uma área considerável e maior integração e visibilidade com os

pedestres do entorno da praça. A localização do parquinho longe da entrada busca promover também a segurança das crianças dificultando o acesso das crianças as ruas que apresentam tráfego intenso, como a Rua Juramento.

Imagens 56 – Vista interna do parquinho.



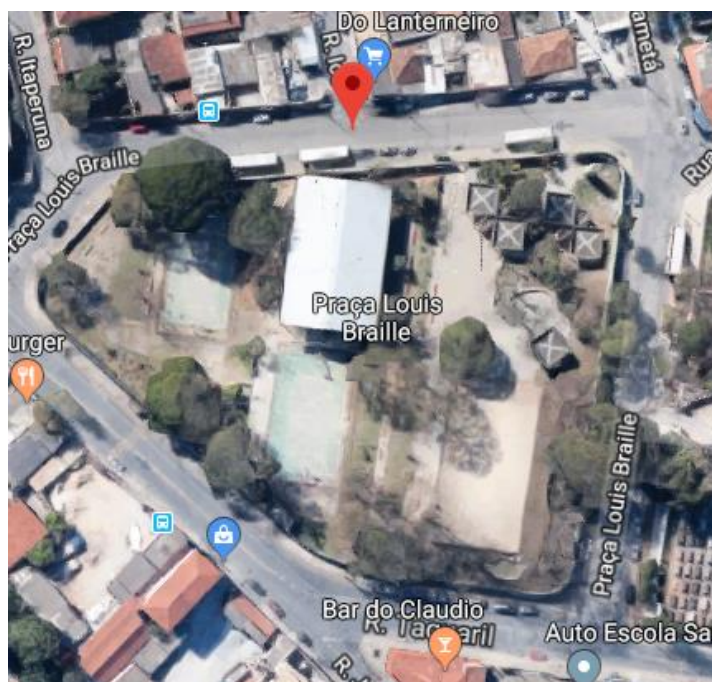
Imagens 57 – Vista externa do parquinho, tirada da Rua Juramento em sentido a Rua Taquaril.



Fonte: Imagens do Projeto de Reabilitação da Praça Louis Braille, produzida pela autora, Daniela Costa Santos, em junho de 2019.

O desenvolvimento do projeto de reabilitação da Praça Louis Braille visou aproveitar todo programa já existente e mantendo a maior parte da estrutura presente na praça, evitando também a retirada de árvores como podemos observar na vista aérea comparativa entre a atual configuração da praça e a configuração proposta.

Imagens 59 – Vista aérea da Praça Louis Braille.



Fonte: Imagem do Google Maps, acessada em junho de 2019.

Imagens 60 – Vista aérea do projeto de reabilitação da Praça Louis Braille.



Fonte: Imagens do Projeto de Reabilitação da Praça Louis Braille, produzida pela autora, Daniela Costa Santos, em junho de 2019.

7. CONSIDERAÇÕES

A partir da discussão sobre a construção histórica e social, das praças e os modelos de gestão possíveis, em especial no caso da Praça Louis Braille, compreende-se a importância das praças na dinâmica urbana, seus desafios e potenciais na contemporaneidade. A análise da praça do Bairro Saudade indica um ambiente sem vitalidade, mas com potencial para cumprir as funções de lazer, convívio social e desportivas desejáveis a qualquer praça. O estudo de obras análogas como futuras referências projetuais revela a importância da combinação entre boas soluções arquitetônicas aliadas a gestão participativa da comunidade para tornar as praças espaços públicos com identidade e agentes da qualidade de vida de seus usuários.

A partir do diagnóstico do histórico, características sociais e físicas do espaço e entorno, conhecimento de políticas públicas voltadas para o equipamento público em estudo e análise de obras análogas este estudo buscou auxiliar no processo de definição de diretrizes e elaborar um projeto para reabilitação da praça Louis Braille, antiga praça da Saudade.

O projeto desenvolvido no decorrer deste trabalho contempla possíveis soluções arquitetônicas para promover uma maior vitalidade nos espaços da praça tendo como aspectos centrais a busca por uma boa permeabilidade visual, contribuindo com a sensação de segurança, além de trabalhar o mobiliário e ambiências que favoreçam a apropriação dos usuários, usando elementos com cores e formas que tragam identidade visual ao espaço. As modificações realizadas buscam também promover novas possibilidades de usos, com a criação do parquinho e espaços para oficinas, assim como garantir acessibilidade do local, sendo necessário além das rampas plataforma elevatória, o emprego de mais uma rota acessível, contemplando os outros sentidos, como o uso de pisos tátil.

Compreende-se que o projeto apresentado cumpre com seus objetivos, mas não esgota as possibilidades de soluções para o espaço trabalhado. Pois, as modificações arquitetônicas de um espaço público devem passar pelo crivo de seus usuários, observar a viabilidade técnica e financeira e sobretudo, devem ser conjugadas com uma boa administração que promova a manutenção física do espaço e manutenção de projetos e eventos que atraiam e envolvam a comunidade.

REFERÊNCIAS

JACOBS, Jane M; ROSA, Carlos S. Mendes; BAILÃO, Chelia Aparecida Gomes; CAVALHEIRO, Maria Estela Heider. **Morte e vida de grandes cidades**. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes 2000. 510 p

ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio. **Praças Brasileiras**. 3.ed. São Paulo: Edusp 2010. 311 p.

MARQUES, Edson; MOREIRA, Zu. **Uma praça, uma saudade**: resgate histórico e sentimental da praça de esportes do Bairro Saudade. Belo Horizonte: Edição do autor, 2003. 127 p.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 6 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. Martins Fontes, São Paulo, 2014.

QUEIROGA, Eugenio. **A megalópole e a praça**: o espaço entre a razão de dominação e a ação comunicativa. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2001. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Eugenio_Queiroga/publication/273121318> Acesso em nov. 2018.>.

QUEIROGA, Eugenio. **Notas sobre algumas “praças” contemporâneas**: o design na paisagem. PAISAGENS EM DEBATE revista eletrônica da área Paisagem e Ambiente, FAU.USP - n. 01, dezembro 2003. Disponível em: <<http://www.fau.usp.br/deprojeto/gdpa/paisagens/artigos/2003Eugenio-Pracas.pdf>> Acesso em nov. 2018.>.

SORIANO, Ana Gabriela Wanderley. **O Espaço Público e a Cidade Contemporânea**: as praças de Salvador entre o discurso e a intervenção. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, 2006. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/8830/1/sorianoparte1.pdf>> Acesso em nov. 2018.>.

BARROSO, Elvira Maria Fernandes. **A responsabilidade do Poder Público no planejamento e gestão da cidade**. Revista Jus Navigandi, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 17, n. 3260, 4 jun. 2012. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/21915/a-responsabilidade-do-poder-publico-no-planejamento-e-gestao-da-cidade>>. Acesso em: 11 nov. 2018.>.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço público e “nova urbanidade” no contexto do direito à cidade**. CONFINS, Revista franco-brasileira de geografia, nº18, 2013. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/confins/8391> ; DOI : 10.4000/confins.8391>. Acesso em 10 de nov. 2018>.

Associação Cultural do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. **Histórias de bairros de Belo Horizonte** : Regional Leste. Edição digital. 2008. 58 p. Disponível

em: < http://www.pbh.gov.br/historia_bairros/PampulhaCompleto> Acesso em 30 set. 2018>.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <<http://www4.planalto.gov.br/legislacao>>. Acesso em 08 Out. 2018>.

BELO HORIZONTE. **Edital de chamamento público Secretaria Municipal de Esportes e lazer nº. 001/2018**: Seleção de organização da sociedade civil para a execução do projeto Polo Regionalizado de Formação Esportiva no âmbito do município de Belo Horizonte. Disponível em:< <https://portaldasparcerias.pbh.gov.br/artigo/chamamento-publico-smel-ndeg-0012018>>. Acesso em 30 set. 2018>.

RISERIO, Antônio. Reinventar a cidade. Blog de Ricardo Noblat / O Globo. Rio de Janeiro, 23 jan. 2017. Disponível em:< <http://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/17.113/6402>> Acesso em: 30 set. 2018.>.

ROLNIK, Raquel; KLINK, Jeroen. **Crescimento econômico e desenvolvimento urbano**: por que nossas cidades continuam tão precárias?. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo, n. 89, p. 89-109, Mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002011000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 de nov. 2018.>.

MARICATO, Ermínia. **Erradicar o analfabetismo urbanístico**. Revista da FASE, março de 2002. Disponível em: < http://www.fau.usp.br/depprojeto/labhab/biblioteca/textos/maricato_analfabetismourbano.pdf> Acesso em: 11 de nov. 2018.>.

SABOYA, Renato T. **Fatores morfológicos da vitalidade urbana** – Parte 1: Densidade de usos e pessoas. 18 Nov 2016. ArchDaily Brasil.. <<https://www.archdaily.com.br/br/798436/fatores-morfologicos-da-vitalidade-urbana-nil-parte-1-densidade-de-usos-e-pessoas-renato-t-de-saboya>> Acesso em 10 nov. 2018>.

CALLIARI, Mauro. Praça Victor Civita. **Um espaço público de qualidade numa antiga área degradada**. Projetos, São Paulo, ano 14, n. 166.02, Vitruvius, out. 2014 <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/14.166/5354>>. Acesso em nov. 2018>.

MARQUES, Keila; et al. **Gestão de Espaços Públicos**: Percepção e uso da Praça Victor Civita por Frequentadores. Anais do VI SINGEP, São Paulo, Brasil ,2017. Disponível em: <<https://singep.org.br/6singep/resultado/144.pdf>> Acesso em nov. 2018>.

PASQUOTTO, Geise. Renovação, Revitalização e Reabilitação: reflexões sobre as terminologias nas intervenções urbanas. Revista Complexus. Intituto Superior de Engenharia Arquitetura e Design – CEUNSP, Salto, São Paulo, 2010. Ano 1, N.2, pág. 143 -149. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/52760407/Renovacao-Revitalizacao-e-Reabilitacao-reflexoes-sobre-as-terminologias-nas-intervencoes-urbanas>> Acesso em nov. 2018>.

ANEXO I - Termo de encaminhamento TFG 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TERMO DE ENCAMINHAMENTO DE TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO 1

Nome do(a) Aluno(a) DANIELA COSTA SANTOS

Nº de matrícula 14.2.1280

Título do trabalho

PRASA LOUIS BRAILLE: PERSPECTIVAS PARA REABILITAÇÃO DA
ANTIGA PRASA DA SAUDADE

Orientador(a) LUIZ EDUARDO SOARES DE AQUINO

Eu, professor(a) LUIZ EDUARDO SOARES DE AQUINO, encaminho para avaliação final da disciplina TFG 1 (ARQ 380) o Caderno de TC 1, elaborado pelo(a) aluno(a) acima identificado(a), sob minha orientação. Declaro que todo o conteúdo do trabalho é de meu conhecimento e que o(a) aluno(a) foi frequente em mais de 75% das orientações.

Ouro Preto, 22 de NOVEMBRO de 2018


Assinatura do(a) Orientador(a)

ANEXO II - Termo de encaminhamento TFG 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TERMO DE ENCAMINHAMENTO DE TRABALHO DE CURSO 2

Nome do(a) Aluno(a) Daniela Costa Santos
Nº de matrícula 14.2.1280

Título do trabalho
Praca Louis Braille: perspectivas para reabilitação da
antiga Praça de Esportes Saudade

Orientador(a) Débora Andrade Gomes Moura

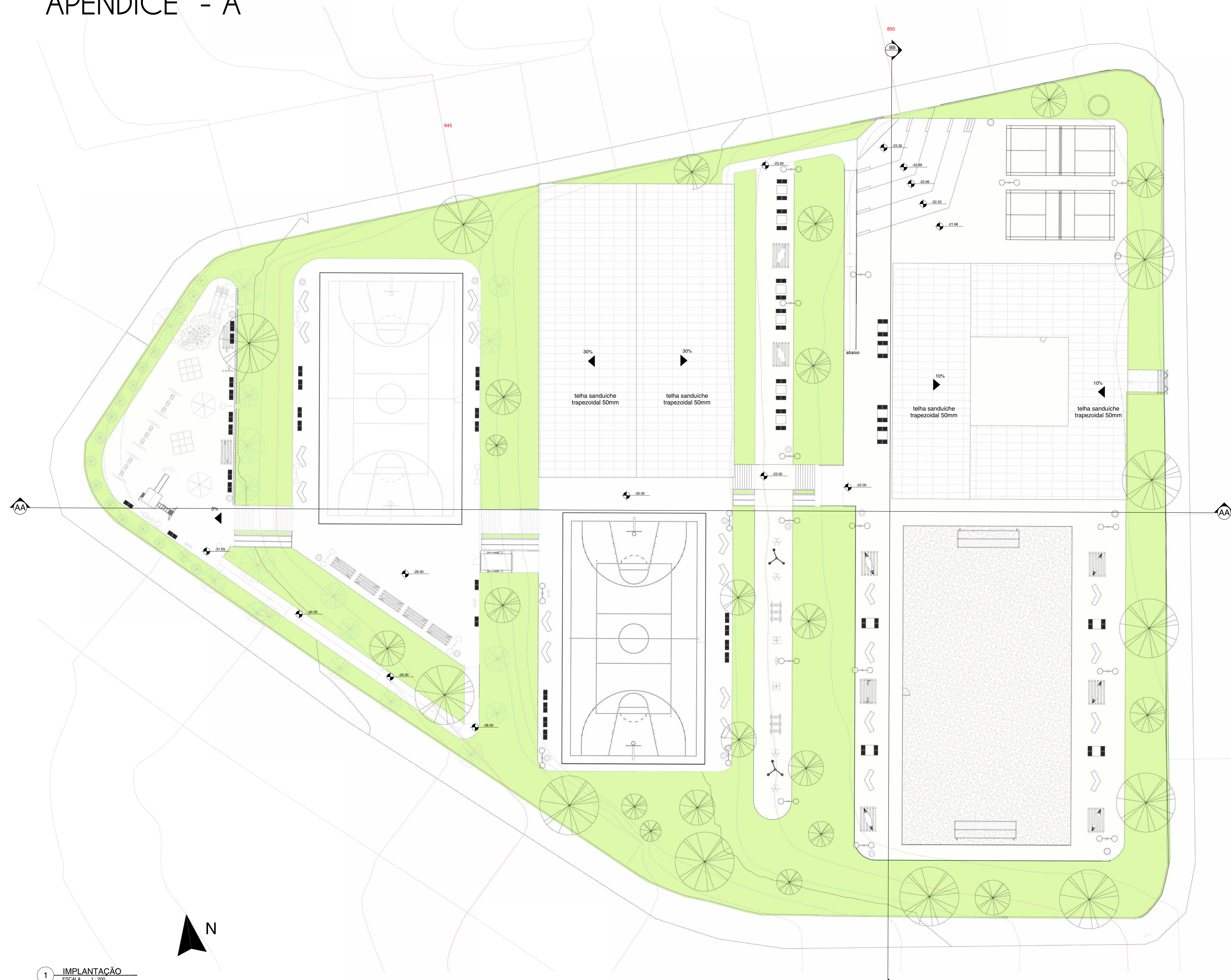
Eu, professor(a) Débora Andrade Gomes Moura, encaminho para avaliação final da disciplina TFG 2 (ARQ 381) o Caderno de TC 2, elaborado pelo(a) aluno(a) acima identificado(a), sob minha orientação. Declaro que todo o conteúdo do trabalho é de meu conhecimento e que o(a) aluno(a) foi frequente em mais de 75% das orientações.

Ouro Preto, 01 de julho de 2019

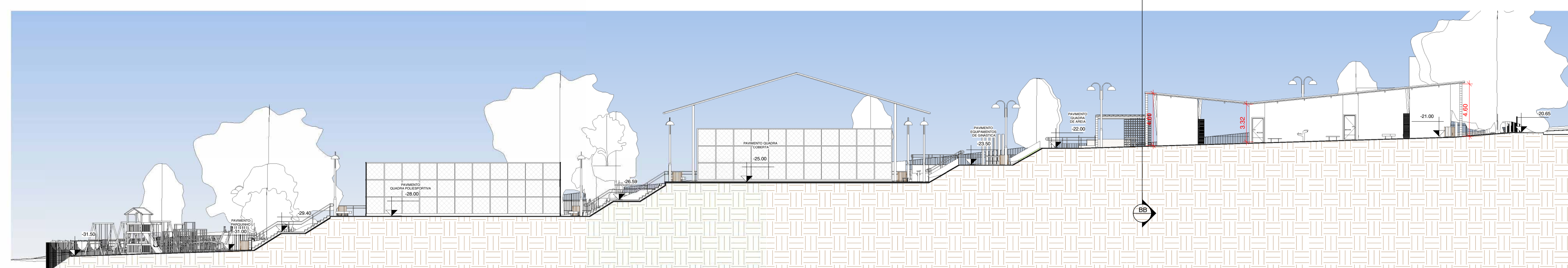
Débora Andrade Gomes Moura
Assinatura do(a) Orientador(a)

APÊNDICE - A

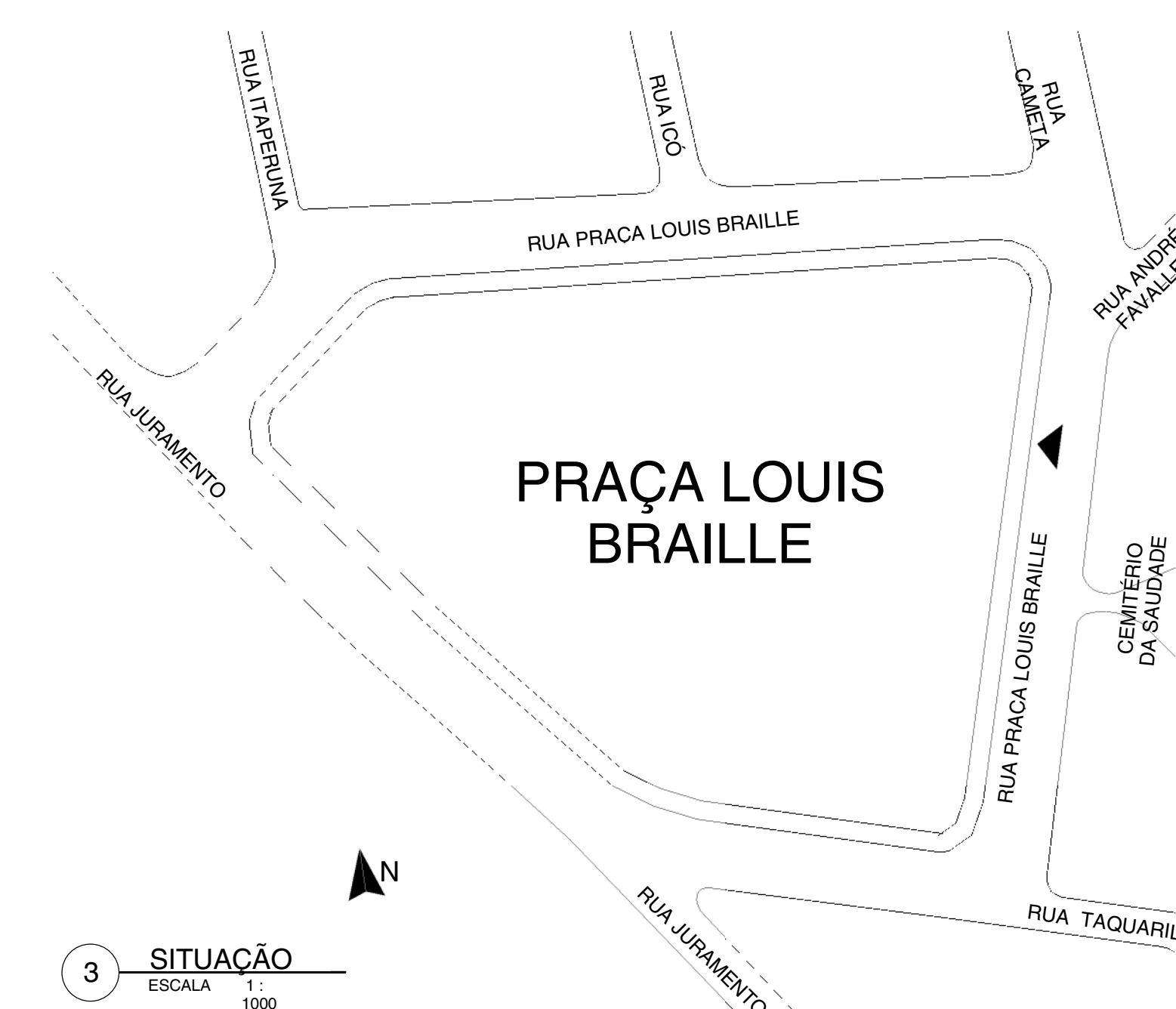
PRAÇA LOUIS BRAILLE PROJETO DE REABILITAÇÃO DA ANTIGA PRAÇA DE ESPORTES SAUDADE



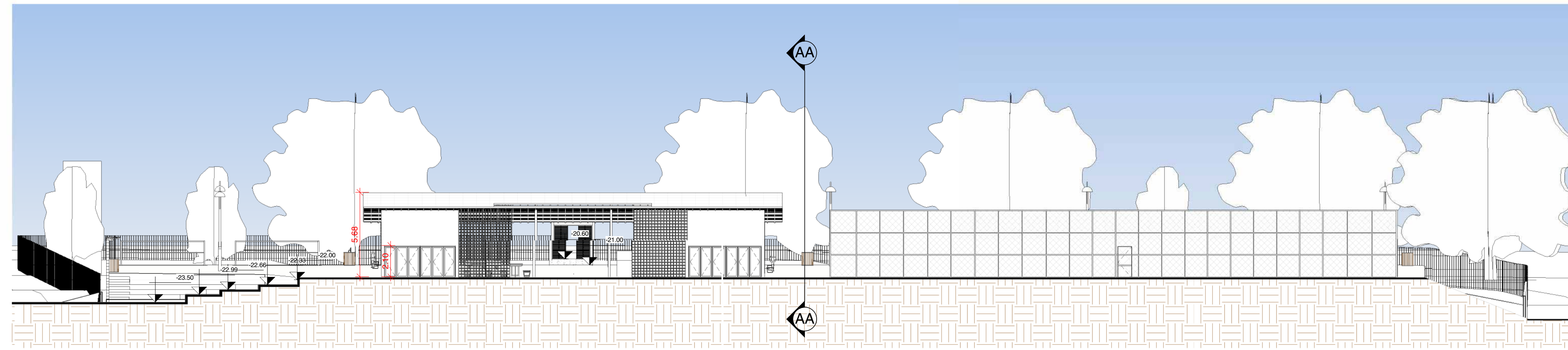
1 IMPLANTÇÃO
ESCALA 1:200



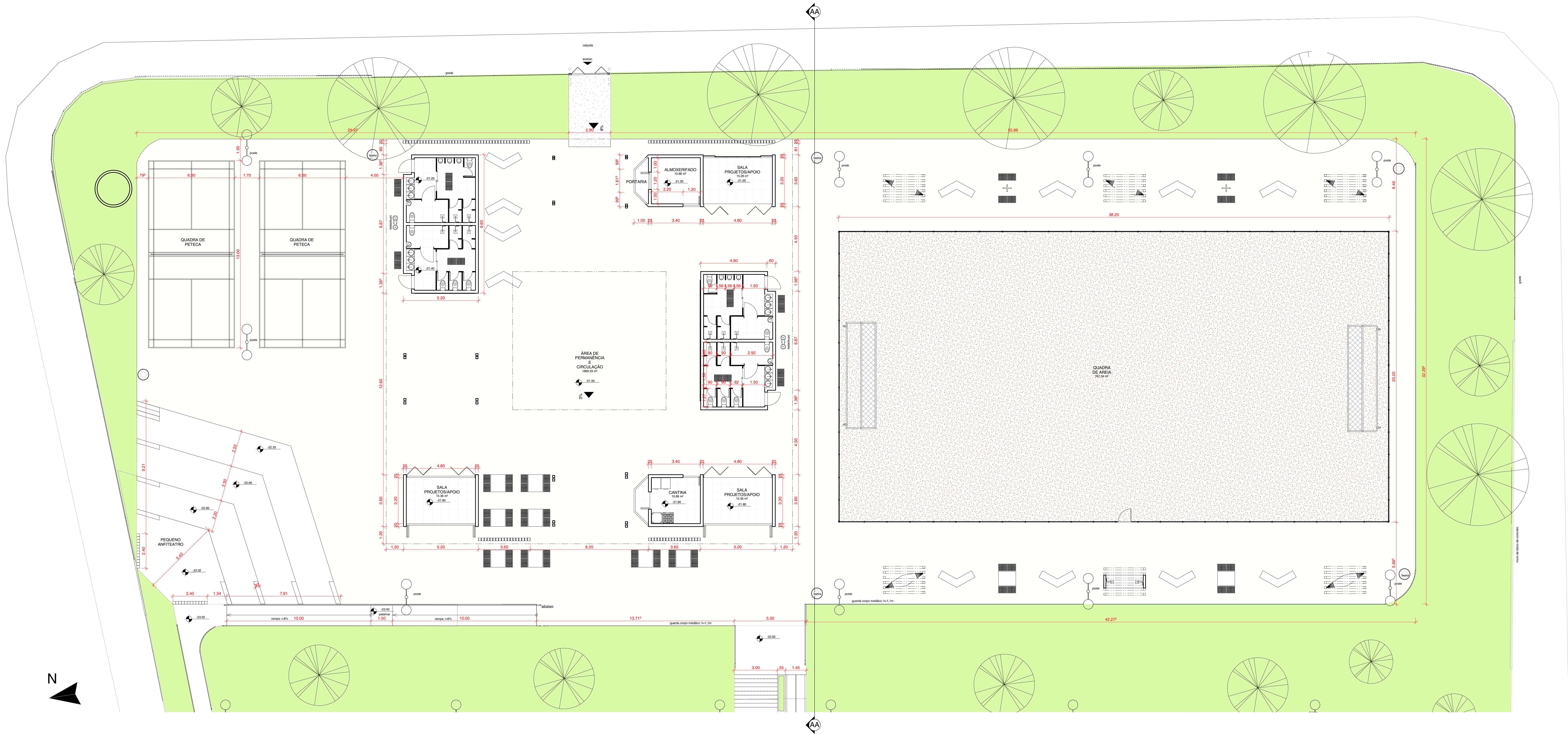
2 CORTE AA
ESCALA 1:200



3 SITUACIÓN
ESCALA 1:200



6 CORTE BB
ESCALA 1:200



5 PAVIMENTO QUADRA DE AREIA (ENTRADA)
ESCALA 1:100

